





350.

1911

PRIMEIRAS INSPIRAÇÕES

POESIAS

POR

ERNESTO MARECOS

Ernesto Frederico Pereira Marecos

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

Rua do Arco do Bandeira, 112

—
1865

PQ
9261
M378
P7

A SEU TIO

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR. FIRMO AUGUSTO PEREIRA MARÊCOS

EM TESTEMUNHO DE RESPEITOSA ANIZADE E FUNDA GRATIDÃO

O

O AUTOR

PERDIDA

... Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe
Qui sait sur quel fardeau la pauvre âme succombe!

VICTOR HUGO

Perdi tudo: o corpo e a alma
Do vicio no lodaçal;
Perdi-me: calquei a palma
Da innocencia, virginal;
Quiz lutar, mas a coragem
Não a tive, na voragem
Das paixões eu me arrojé,
Cedi á fome que opprime,
Abri os braços ao crime,
Faltou-me a força... pequei!

Assentei-me por conviva
No festim da corrupção;
Já não tinha a fronte altiva,
Cravava os olhos no chão.
Mais o pudor desfallece
Mais o desejo apparece
De gozar; de amor alli
Um ai a outro s'enlaça;
Do prazer peguei na taça
Levei-a aos labios... bebi.

Hesitar ?—quem é que hesita
 Se quer no abysmo cair?
 Quem é que os olhos lhe fita,
 Lhe vae a altura medir?
 Perto a infamia, além a morte;
 Uma ou outra por consorte
 Escolher devera alli;
 Morrer tão nova, tão cedo...
 De morrer eu tive medo
 Tanto medo... que vivi.

Vi-me no mundo, coitadã,
 Sem parentes, triste e só;
 Com fome, tão mal trajada
 Tão pobre... fazia dó.
 De porta em porta esmolava;
 E este e outro recusava
 A minha dôr compartilhar;
 Em cada peito a descrença,
 Em cada ente a indiferença,
 Em cada labio um sorrir.

Sobre estes hombros pesava
 Tanto e tanto a minha cruz,
 Que mais e mais eu cançava
 Até que o fardo depuz.
 Da fome o pranto era euxuto
 Bradei ao mundo corrupto:
 «A ti me venho entregar»
 Depois... a intensa vertigem
 Que deslumbra quando a origem
 Do mal o gozo doirar.

Crestou-me o halito do crime
 Tombei pendida no chão;
 E córei... tremi... corri-me...
 D'inutil pudor então
 Foi o fulgor derradeiro!
 Oh! maldito o homem primeiro
 Em cujos braços caí;
 Que me roubou um thesouro,
 A quem por punhados de ouro
 Sem pejo o corpo vendi.

E rainha entre as rainhas,
 No lubrico festejar,
 Salpiquei as faces minhas,
 Fui-as de lodo manchar.
 Manchei ; perdi-me ;—perdida,
 É-me um martyrio esta vida
 Como não pensa ninguem:
 Por cada gozo sentido,
 Por cada beijo vendido
 Remorsos pungir-me vem.

Aviltou-me a sociedade
 Que me renega sem dó,
 Affrontas por amizade
 Hoje me offerta tão só.
 Passando ha dias na praça,
 Uma voz da populaça
 Eu assim bradar ouvi:—
 —«Alli vae a prostituta
 Mulher devassa, corrupta,
 Cuspi-lhe o rosto, cuspi!»

Mas não dizem: «tinha fome
E pela infamia trocou
A indigencia que consome,
Que ninguém lhe alliviou.»
Mas não dizem: «desgraçada,
Basta-lhe a dôr:—é sagrada
A dôr que punge a mulher.»
Mas não sabem que hei chorado,
Quantas penas hei penado,
Que as não podem conceber.

D'este desgosto profundo
Nas supremas convulsões,
Eu já não creio no mundo
Nem me tentam illusões.
Mas em ti, meu Deus, eu creio
Quero voar a teu seio
Que de teu seio parti;
É a filha da desgraça
Qu'implora um raio de graça,
Leva esta alma para ti.

DE BRANCO

... bella di bianco vestita

TASSO

Sim, querida, foi então.
Era uma tarde calmosa:
Nem pelas folhas da rosa
Estremecia brincando
O halito da viração ;
Tudo era socego quando,
Em minhas maguas scismando,
Já por ellas tão perdido,
No abysmo de minhas maguas
Eu me deixava perder;
Da existencia as negras fraguas
Me recordava sentido
Entre o luctuoso gemer
De meus versos tristes... tristes...
Foi então, anjo que assistes
Aos dias do meu viver,
Que meus olhos, ao acaso
Volvendo-os, nos teus fixei;
Ia o sol perto do occaso
N'aquella tarde calmosa
Quando te vi tão formosa
Quando, formosa, te amei!

Toda de branco trajavas.
 Tuas fórmas lindas, breves,
 Se t'escondiam nas leves
 Ondulações da roupagem
 Branca... branca... em que alvejavas
 Como alveja na plumagem
 Linda a candida cecem;
 A face, côr da açucena,
 Tão branca, meiga e serena,
 Como o branco lhe ia bem!
 E como entre tanta alvura
 Destacava a formosura
 De uns olhos de puro azul
 Do puro ceo de Stambul!
 Escuros, sedados, bellos,
 Os teus cabellos lustrosos
 Se annelavam descuidosos.
 Foi então que o meu destino
 Aos fios de teus cabellos,
 Louco já, perdido o tino,
 Não hesitei, e preendi.
 Eras de branco vestida,
 De branco toda, querida,
 N'essa tarde em que te vi;
 Senti n'alma um mago enlevo
 Vi-a voar para ti,
 E ficou me lá tão presa
 Que para sempre a perdi.
 Amo-te muito. A grandeza
 D'este amor debalde quero
 Eu medir... que não espero
 De medil-a;—nem eu devo,
 Embora o saiba, anjo meu,
 Dizer-t'ó nunca: foi crime,
 De que um remorso me opprime,

Este amor que me nasceu
Por me ver assim tão triste,
Por te ver assim tão bella!
Sei que é nada, *sei que é pouco*,
Pouco para ti donzella,
Que te baixaste do ceo;
Mas perdoa ao pobre louco
Tu olhaste-o, tu sorriste,
Elle viu-te, enlouqueceu.
Se a paixão referve, estua
Dentro em mim, — a culpa é tua
Que de branco te vestiste,
Seja o crime embora meu!

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Só conheço de ti grandeza e nome.

BOCAGE

I

Ao sol qu'importa que uma flor modesta
Lhe envie, em paga do calor, o aroma,
Dê perfume por luz;
Se o orbe immenso seu valor attesta,
No espaço azul, desassombrado assoma,
E se Deus o conduz?

Qu'importa ao genio quando audaz campeia
Das vastas concepções no vôo ingente
Em que se vê librar;
Que um poeta sem nome admire e creia,
E curve a sua fronte reverente
Quando n'elle attentar?

O rei dos astros, grata a flor não fôra,
Que o vívido clarão o não negara
A festa da criação;
E o rei da idéa, sem o preto embora
Do vate obscuro, de esplendor passára
Sublime na amplidão!

Nem um, nem outro fugirá no entanto
 Do grande e do pequeno ao hymno, ao grito
 Que a admiração vibrou;
 Seja a homenagem pobre, humilde o canto,
 É grande, inda se perca no infinito
 Se espontaneo broton!

II

Admiro-te porque és grande
 Como o genio sempre o é;
 Porque minha alma s'expande
 Ao contemplar-te de pé
 Sobre o fastigio da gloria;
 Porque não aponta a historia
 Mais esplendida victoria
 Do que essa que tens ahí;
 Porque o mundo em ti não cria,
 Porque a fama te fugia,
 E algemaste a fama um dia,
 E obrigaste-a a ser por ti!

E é assim:—a gloria, em fogo,
 Vem ao que o mundo bem diz,
 Porém arreda-se logo
 Da frente de um infeliz!
 Se elle é fraco, cede e cança,
 Recua a cada provança,
 Cai emfim;—foge a esperanza,
 E com ella vae a fé;
 Se elle é forte, como és forte,
 Arca, lucta, vence a sorte.
 Salva o seu nome da morte,
 Surge, como tu, de pé!

Volvo os olhos ao passado.
 Quem o berço t'embalou?
 Quem nos teus labios, coitado,
 De amor um beijo poisou?
 Na aurora do teu talento
 Annuviou-se o firmamento,
 Não te deu um sentimento
 A terra que é tua mãe ;—
 Que aura do ceo te bafeja?
 Quem o porvir te deseja ?
 Vês aqui morder-te a inveja
 Sorrir-te alli o desdem!

E depois... sósinha, alcança
 A tua crença o seu lugar,
 E meditas na vingança
 Que já te tarda gozar.
 Vingas-te da patria :—filho
 Que ella renegou, no trilho
 Que seguiste, dás-lhe o brilho
 Da realza que em ti ha!
 Respondes á sociedade
 Que te negou, por maldade,
 ganhando a immortalidade
 Não a avistando de lá!

E a corôa assim comprada
 Não t'emmurchece jámais,
 Que a gloria mais contestada.
 É sempre a que fulge mais!
 Essa vã soberania
 Que a turba dá, vive um dia:
 Crês que a luz hoje irradia

E a sombra a envolve manhã;
 A que o talento disputa
 Palmo a palmo, em ardua lucta,
 Vive de seiva incorrupta,
 Dura os seculos, louçã!

Apraz-me olhar-te a grandeza,
 Olhar-te ainda... e pasmar
 Do esforço que a natureza
 Houve para te crear!
 Nem é o assombro profundo
 Com que ahí t'encara o mundo
 Por ver-te o genio profundo
 Exceder-se quasi a si
 O que mais a ti me prende,
 É um não-sei-quê que entende
 Nos teus livros, e comprehende
 Quem soffre o que eu já soffri!

Nos teus livros debruçado
 Do mundo hei sabido mais,
 Do que o que eu tinha estudado
 Em desenganos fataes!
 Desherdado da alegria.
 Ora és o deus da ironia,
 Ora a phrase te annuncia
 Como o athleta da dôr;
 Despota do estylo,—opprime
 Ver-te desenhar um crime,
 E és igualmente sublime
 Na historia de um triste amor!

Amo-te : és grande, eloquente
Interprete da paixão,
Descarnas com mão potente
As fibras do coração!
Admiro-te sim — quizera
Poder-me elevar á esphera
Onde a tua voz impera
E junto de ti bradar:
«Tu que o pranto abençoaste,
Que a felicidade achaste
Sempre esquiva; por contraste,
Tens na minha alma um logar!

E se pois não vae meu canto
Dar-te ás palmas mais valor,
Tampouco lhes rouba encanto,
Ou lhes desmaia o fulgor.
Se a luz de si o desterra;
Se na estreiteza s'encerra.
As harmonias da terra
Tambem sobem para os ceos!
E no seu throno, sereno
O que é grande, o que é pequeno,
O que é divino ou terreno
Egualmente escuta Deus!

A VOZ D'ELLA

N'esta solidão infinda
De affeições, comigo a sós,
Como que percebo ainda
O encanto da tua voz.

Como que a sinto pausada
Afinada em tons dos ceos,
Suspirando enamorada
Esvoaçar nos labios teus;

E rescendendo a poesia
Que tens na alma, que ha em ti,
Vibrar a casta harmonia
Das endeixas que te ouvil

E então pois, transumpto, imagem
Do archanjo do Senhor,
Qu'involto em alva roupagem
Corôa o mystico amor;

Penso e digo: ai, quem pudera
Escutar-te sempre a sós!
Quem o perfume bebera
Que se te exhala da voz!

Quem a fronte reclinara
Ao ouvir-te os versos teus,
E nunca mais acordara
Senão nos braços de Deus!

DUVIDA E CRENÇA

(*Fragmento*)

AO MEU AMIGO J. J. DA COSTA ALMEIDA

Eu não sei como isto veio!
Foi nascer e vigorar,
E radicar-se no seio,
E não poder acabar!
Que amor! além a esperança,
O impossível de permeio,
E ainda, e sempre a lucta!
Nem nas lagrimas se cança,
Nem nos sorrisos se enerva,
Nem o raciocinio frio
O debella ou o perserva
Do seu imprudente ardor!
Mas d'onde veio este amor?
Em que férvida vertigem,
Em que louco desvario
Foi elle beber a origem?
De que luz houve o calor?
Não sei: — não sei: — eu senti-o
Pullular a vez primeira,
E, n'um lampejo fugaz,
Do peito roubar-me a paz;

E invadir-me de repente
 O ser, a existencia inteira,
 E, n'um impulso vehemente,
 Indomavel e profundo,
 Irresistivel, vivaz,
 Vir crear-me um novo mundo,
 E ficar desassombrado
 Como se houvera no fundo
 D'este calix, só prazer!
 Aceitando do passado
 A longa historia de dóres,
 —A triste e lugubre herança; —
 Ver do presente a balança
 Para um só lado pender
 D'este jardim infecundo
 Que não tem fructos, nem flores;
 E viver... sempre viver !
 Sem dos impuros amores
 Saciar-se no gozo impuro;
 O escarneo da sociedade
 Arrastando sem cessar;
 Indo d'encontro ao futuro
 Que matal-o talvez hade;
 Vivendo tão só de amar...
 Tudo em torno lhe desaba,
 E a razão lhe-diz : 'acaba'
 E elle não pode acabar!

E depois... ai, quantas vezes
 Ó virgem, longe de ti,
 Hei scismado n'este affecto
 Que perfeito, que completo,

Sentiste, como eu senti;
 E, pendida a turva fronte;
 Annuviada, triste... triste...
 Como a flor do cemiterio,
 Ou d'elle o mudo horisonte,
 Hei pensado no mysterio
 Que a esta paixão assiste
 E tentado lêl-o a sós!
 E então pergunto a mim mesmo
 Se não foi a desventura
 Que lhe deu fatal imperio
 E nos encadeou a nós?
 E se não é, porventura,
 Este amor assim intenso
 Que a tudo assim se abalança
 Sempre e com igual fervor;
 Mais um sacrilegio immenso,
 Um attentado infinito,
 Do que um innocente amor,
 Do que uma santa esperança?
 E se a dôr não é o grito
 Do remorso que me opprime?
 E se não é, minha flor,
 Nas mil promessas juradas,
 Em tantas provas firmadas
 Que me dás e que eu te dou
 D'este amor, que cri sublime;
 Cada promessa—blasphemia—
 Cada prova um novo crime,
 E se eu reprobó não sou?!

 De Deus'a colera?...—teme-a
 Quem a affrontou, impudente,
 Mas eu não tenho a semente

Do vicio no coração;
 Por isso, como que então
 Sinto erguer-se a intelligencia,
 Querer remontar-se á essencia
 D'onde partiu, e pedir
 Um raio de luz divina
 Que nas angustias conforta,
 E nas trevas illumina.
 Logo a esperança a florir;
 Logo a crença semi-morta
 A recobrar almo alento,
 A vicejar, a sorrir !
 E eu a dizer : 'que m'importa
 Cuspa'n'este sentimento
 O mundo os escarneos seus ;
 Se elle é nobre, se é grandioso
 Como o martyrio ou o gozo
 Que só emana dos ceos?!
 Pois se fôra tentar Deus
 Este amor que a elle aspira,
 Ai, como, como te creara,
 E elle mesmo se mostrara
 No fulgor dos olhos teus?
 Como houvera revelado
 A' alma que por ti delira
 Da tua alma o doce encanto,
 Se não tivesse pensado
 Unil-as n'um amor santo ?!
 Como, pois, de Deus a ira?!
 Menti acaso missão
 De pregoar-lhe o nome e o culto?
 É porventura um insulto
 O abraçar-me de paixão
 Por um anjo que é transumpto
 Dos da celeste mansão,

Que aos cantos me dá assumpto
 Que c'ò proprio Ser eterno
 Confundo na adoração?
 Como, pois, haver o inferno
 De que culpa porque indício
 Para este amor que senti?
 Por fixar na hastia sagrada,
 No calix do sacrificio,
 A tua imagem adorada
 E a de Deus ligada a ti?!
 Por de ti me vir a ideia
 Da divinal magestade
 Co'a pompa que formoseia
 A incomprehensivel belleza
 D'essa esplendida grandeza,
 Que s'entender-se não hade
 Adivinha-a a uncção da fé?!...
 Oh! não... — não, do amor profundo
 Que ha em nós, maldiga o mundo,
 Maldição o não alcança
 Que Deus o deixa de pé!
 Crime fôra, que a vingança
 Não parte de um Deus clemente;
 Quanto mais que, se é ardente.
 É innocente este amor!
 Porisso, seja qual fôr,
 Ó minha amada, o futuro
 Quer sereno. quer radiante,
 Quer tenebroso, ou escuro,
 Que nos destinam os ceos;
 Sempre, como n'este instante,

Que duidares, formosa,
Teus anhelos une aos meus
Numa prece fervorosa ;
Vem com o accento divino
Da tua voz entoar o hymno
Comigo de amor a Deus!

Maio de 1863.

A JULIA

..... l'amour c'est la vie
C'est tout ce qu'on regrette, c'est tout ce qu'on envie
Quand on sent au couchant la jeunesse décliner;
Sans lui rien n'est beau, sans lui rien ne rayonne,
Oh! la beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne,
Laisse-toi donc couronner.

VICTOR HUGO

E eu luctei ; eu tentei dentro d'alma
Suffocar este amor, mas de balde!
Quem ao fogo dirá — 'não escalde' —
Quem dirá — 'és chymera' — ao amor?
Quem suppoz ser de trevas a vida
E viu esta da côr da amargura,
Quando acaso uma luz lhe fulgura
Não lhe nega inda assim o esplendor!

Eu olhava de longe o passado:
Via um rasto de sangue coberto.
Eu olhrva o presente de perto:
Era um ermo em de roda de mim.
Lá, ficavam as crenças e os prantos,
Tinha, aqui, um mortal desalento;
Como, pois, suspeitar um momento
Transformar-me, surgir inda assim?!

Porém vi-te; e passado e presente
 Se abysmaram então n'um instante;
 Contemplei-te; e fiquei anhelante
 A aguardar que fallasses tambem.
 Tu fallaste; — e, n'um extasi immenso,
 Escutei a tua voz inspirada;
 Ouço-a ainda: — ficou-me guardada
 Dentro d'alma a harmonia que tem.

Em anceios d'ignota surpresa,
 Te mirava, te ouvia: — pausados.
 Em poesia do ceo temperados.
 Me dizias teus versos então;
 E hesitava se acaso tu eras
 A que eu vi... ou apenas um ente
 Dos que descem, em sonhos, á mente
 Aos que perdem de todo a razão!

Mas, depois, repassei na lembrança
 D'esses curtos instantes a historia,
 E não veiu siquer á memoria
 De loucura um ligeiro signal.
 Eras tu, — a verdade, a existencia
 A dourar-se de brilho infinito
 Era o termo do fado maldito
 Cujo scello quebrava a final.

Olho, aspiro: — que encantos! que aroma
 Sobre a terra, no espaço, na aragem!
 Em que nova, opulenta miragem
 Parecia o futuro sorrir!
 Eras tu; e no seio me lavra,
 Em delicias, a lucida chamma
 Que sopraste, que ateaste, e m'inflamma,
 Que de novo me fez existir!

Não t'ò disse. Houve medo ; não pude;
 Quiz guardar só comigo este affecto,
 Como se elle ficasse completo
 Antes mesmo de acceite por ti!
 Não t'ò disse: e n'è mesmo atinava
 Em saber definir este estado
 Em que tudo era novo e mudado
 Do que outr'ora pensei e senti.

Porém hoje que sinto nos estos
 Em que o sangue nas veias palpita,
 Que a paixão cujo impulso me agita
 É aquella a que d'èste calor;
 Digo, pois, que eu te creio, meu anjo,
 Como um anjo de amor que desceste,
 Emanada de origem celeste,
 E que vivo da luz d'esse amor!

Eu quizera uma longa existencia
 Que a ventura bordasse de flores,
 Esmaltada de vividas côres
 Como as fadas só sonham talvez
 Para, rico das joias preciosas
 De um risonho porvir deslumbrante,
 Resumil-o no rapido instante
 Que me dèsses passar a teus pés!

Eu quizera a corôa brilhante
 Pela gloria a seus filhos votada,
 E d'esplendida auréola cercada
 Até mim vêl-a, em fogo, descer;
 Para, junto da gloria, no anhelò
 Que os prazeres perfeitos revela,
 Assumir a corôa mais bella,
 E depôr-t'a na fronte, e morrer!

Eu quizera... nem sei... nem eu julgo
 O que val um esforço baldado
 De deixar-te, n'um traço, contado
 O mysterio de tanta paixão;
 Eu quizera... quizera que ao peito
 Com desvelo este amor acolhesses;
 Que depois, que mais tarde disseses
 Se tambem te-abrazava, se não?!

Deixa, embora, que a turba que passe
 O meu nome deturpe, impudente,
 Que não vá em teu seio innocente
 Aninhar-se a suspeita por fim.
 Mentem elles! — que desde que eu te amo,
 Que por ti a minha alma se expande,
 Já de tudo que é nobre, que é grande
 Os instinctos pullulam em mim!

Mas se acaso te affastas, querida,
 Como quem temeria um insulto,
 E se acaso t'inspira meu culto
 Só piedade, ou funesto pavor;
 Com razão, se na insania me julgas,
 Inda assim tu me déste a ventura,
 E eu bemdigo esta suave loucura
 Se por ti estou louco de amor!

Setembro de 1863.

FOGO E FRIO

Que loucura ! — pois do fogo
Crês que o frio nunca vem?
Pois tu duvidas que as chammas
Nos arrefecem tambem?

De Rosa os olhos esplendidos
Tu conheces. — Viste a flux
N'outros olhos mais lampejos,
Ou mais raios, ou mais luz?

Pois fitou-me um dia, irada,
Verguei de susto e paixão;
E senti no amargo instante
O gelo no coração!

BORBOLETA NEGRA

É a luz trémula e baça
No amortecido clarão;
Em torno d'ella esvoaça,
Por fatal fascinação,
Uma negra berboleta.
A quem vens, triste propheta,
Que presagia, indiscreta,
Essa tua apparição?

Triste fado e triste sina
São fado e sina que tens;
O luto, as lagrimas, ruina
Comtigo trazes... e vens!
Vens ao homem inexperto
Lembrar que a morte está perto
Que no mundo nada é certo,
Que mudam todos os bens!

E a mim, de noite, tão tarde,
Que más novas vens trazer?
Ou vens ver como é cobarde
Quem se acurva ante o soffrer?
Vens dizer-me que ella mente
Quando me jura que sente,
E que estatua indifferente
Nunca soube amar nem crer?

Chegas porque eu tambem saiba
 Que um amigo me 'é traidor,
 E assim te espantes que saiba
 Num só peito tanta dôr?
 Borboleta, n'um instante
 Tomba o edificio gigante,
 Perde-se amigo e amante,
 Fé e crença, luz e amor!

Eu sei tudo: — quem exige
 Que m'o venhas repetir?
 Tua presença me afflige,
 Não te quizera sentir.
 Ao vêres, sem enthusiasmo,
 A alma presa do marasmo,
 Vens tu cusprir-lhe um sarcasmo,
 Uma ironia, e sorrir?

Vae-te - foge, mensageire
 Da desgraça, foge, vae;
 Nem o pranto se deslaça,
 Nem os labios corta um ai
 A' victima resignada,
 Só, triste, só, concentrada
 No que padece, e calada
 Quando vê que morre, e cae!

Mas não fujas, mas perdoa
 Sou contigo injusto emfim.
 Adeja, voa, revoa
 Perpassa junto de mim!
 E' o mundo, a sociedade,
 Por inepecia ou por maldade,
 Que te engeita — e que não hade
 Ver-te e amar-te negra assim!

Adeja, porém não corras
 A abraçar-te n'essa luz;
 Temo tanto que tu morras
 Na chamma que te seduz!
 Como t'esforças sem tino
 Por cumprir esse destino
 D'extrema angustia a mofo,mo,
 Que á morte em fogo conduz!

Já pela luz que fascina
 Houve alguém que enlouqueceu,
 Fui eu, — que ella era divina
 Sonhei. Não vinha do ceo.
 Proxima ao fim s'extinguia,
 E, como essa, frouxa ardia,
 Porém, frouxa, consumia,
 Toda a seiva do ser meu.

Queimei-me, como te queimas,
 Depois vi-me exangue e só;
 Borboleta, porque teimas?
 Tu não me ouves? — causas dó!
 Quem um conselho te deve
 Não escutas? — já de leve
 A chamma roçaste, e em breve
 Serás, como eu, cinza e pó?

Julho 1854

MARIA



A que estiver isempta do peccado que lhe
arremesse a primeira pedra,

I

Brinca, filha, meus amores,
Anjo roubado ao Senhor,
Colhe as rosas; tens nas flores
Teu retrato em cada flor.

O ribeiro, em doce calma,
Que se espriguiça a teus pés,
É puro espelho d'essa alma,
Pura ahí te vês qual és.

Brinca, filha; os teus cabellos
Deixa-os da brisa afagar;
Deixa-os louros, finos, bellos,
Sobre a aragem balouçar.

Vês a abobada serena
Que os lindos olhos te attrahe?
É alli, meiga açucena,
Que vive um anjo, teu pae.

Brinca, filha, que os momentos
De brincar rapidos vão,
Dias de negros tormentos
Bem negros, bem longos são.

Tens a innocencia, querida,
Que te esmalta esse viver;
E assim te deslisa a vida
Sem dôres para soffrer.

Folga, brinca; se o canção
Te colheu no teu folgar,
Corre, ó filha, ao meu regaço
E vem n'elle repousar.

Da mãe nos braços a innocente candida
Um somno d'anjos alli vae dormir;
A mãe, que a estreita n'um delirio soffrego -
Lhe beija os labios, a chorar... e a rir!

II

Nem siquer a luz scintilla
De uma estrella lá no ceo,
Aqui o vento sibilla,
Ruge em furias o escarceu;
Viçosos robles ingentes
Eis de rojo: são plangentes
Os hymnos da destruição;
É a scena da agonia,
Que o relampago allumia
No palpitante clarão.

Aqui, o cedro pendido
 Dó tufão ante o rigor,
 Além, um entê abatido.
 Curvado aos pés do Senhor.
 D'esse rosto na anciedade
 Traduzi'a tempestade
 Que dentro d'alma alli vae;
 Ide-a lêr n'aquelle pranto,
 Que é bem turvo, se é bem santo,
 Que do chão nas lágeas cae.

Quem ha que não soletrasse
 Os mysterios d'essa dôr
 Nas rugas d'aquella face,
 Na face de tal pallor?!
 Que magreza no semblante,
 E no seio agonisante,
 Nos hombros estreitos, nús!
 Como os labios descórados
 Balbuciam apressados
 Santo o nome de Jesus!

Pelos soluços cortada
 Mal se lhe distingue a voz,
 Pobre mulher, algemada
 Ao soffrer, alli, a sós!
 Rica apenas de fé viva,
 N'uma prece convulsiva
 Abrandar a magua quer;
 Mas cede á dôr que a lanceia,
 As mão estorce, pranteia,
 Só, alli, pobre mulher!

— « Amei-a muito; perdi-a.
 Minha filha muito amei;
 Era d'esta alma a alegria
 Que perdi, mais não achei;
 Era um anjo de pureza,
 Era um astro de belleza
 E de doçura também.
 Que amargura, e que saudade!
 Dae ó meu Deus, por piedade
 Uma filha a sua mãe. »

E calou-se a pobre velha
 Aos olhos levando a mão,
 E no semblante s'espelha
 Da magua toda a extensão;
 Na lucta do sentimento
 Ao delirio o desalento
 Succede uma vez, e cem:
 Vê-se cada alternativa
 Mais pronunciada, mais viva
 E mais tremenda também!

Passadas tres horas bramia a tormenta
 Na voz abafada do rouco trovão,
 A velha não ora, nem preces já tenta,
 A fé lhe fugira, com ella a razão.

III

Era uma noite formosa,
 Corria a turba ruidosa
 A engolphar-se no prazer;
 No banquete da alegria,

Ébria d'intenso gozo
Ia um logar pretender;
Não ha n'um'alma repouso,
Ha a festa que enebria,
Ha vida immensa a viver.

Era um baile;— ninguem sabe
O que é um baile, ningnem.
E ama-se o baile tambem!
Primeiro que a festa acabe,
Diz-se que a festa é divina.
Aos sentidos o que vem?!
Ha a luz que alli fascina,
Ha a walsa doidejante
Ha o salão ondulante
De sedas e oiro;— quem vê
Taes primores e não sente
Logo abraçar-se-lhe a mente?
Mas o brilho é falso e mente;
E ama-se o baile, e porque?!

Vae no ceo serena a lua.
É n'um baile, tulmultua
Phrenetica a multidão;
Como a vida ahi se expande,
E se expande o coração!
Rica de belleza e gallas
Folgava a dama de um grande,
A rainha do salão.
Ide ouvir-lhe as ternas fallas,
E vêde como estreitava
D'elle o braço, e lhe entornava
No peito as chammas e a lava
Da mais ardente paixão!

Como é bella! que serena.
 Pallidez no rosto lindo!
 Como aos olhos vem subindo,
 Como cada olhar condemna
 O mais intimo sentir!
 Que seducção nas formosas
 Fórmãs breves vaporosas
 Que alli vão a seduzir!
 Da curta bocca rosada
 Cada phrase perfumada
 Exhala o hálito das rosas,
 Leva a suave embriaguez;
 Cada phrase proferida
 Sente-a o peito, e dá lhe a vida,
 Ou dá-lhe a morte talvez!
 E, flor nos jardins colhida,
 Era a rainha das flores,
 Anjo, fadaram-na amores,
 Mulher, o amor lhe deu lei.
 Um anjo, se dos perdidos,
 Uma flor, mas se escondidos
 Tinha espinhos... não o sei.

Era longe do baile. Já da festa
 Os eccos mal distinctos mal se ouviam
 Na sala em que dois entes, que se amavam,
 A sós de amor as phrases se diziam.

—

— « Maria, não basta ainda,
 Por prova de tanto amor,
 Riqueza, que vês, infinda,
 De tão subido valor,
 Que é tua como o é esta alma,
 Que por ti colheu a palma
 Do mais celeste verdor?!

— « E este amor que vivifica,
 Que dá a luz, o calor;
 Esta vida que é tão rica
 D'esperanças minha flor,
 E a paixão que me enebria,
 Não bastam inda, Maria,
 Por prova de tanto amor?! »

— « E não vendi minha vida
 Do amor a os gozos que tem?
 Não sou eu mulher perdida
 Por tua causa tambem?
 E não sou a filha ingrata
 A quem o remorso mata
 Saudade de sua mãe?!

— « E depois... qu'importa? outr'ora
 Vivi tão feliz... tão bem...
 Mas hoje... quero-te; agora
 Que te não roube ninguem
 Aos meus beijos que se casam
 Aos teus beijos que me abraçam,
 Ao amor que n'elles vem! »

Enlaçados, unidos. alli juntos
 Que instantes de ventura não gozaram!
 E que annos de prazer não resumiram
 N'um momento. alli juntos, enlaçados.

Cessara o baile. Lá fóra
 Uma voz lenta e sonora
 Bradava: «A' face do ceo
 Juro ao ceo que ella era minha,
 Dêem-me a filha que eu tinha,
 Se essa filha não morreu!»

IV

Nobres, folgae; a nobreza
 E' veio que esconde a vileza,
 Que occulta a infamia tambem;
 Ride: — não vae em voz alta
 Accusar-vos de uma falta
 Aos vossos salões ninguem.

E a nobreza e o oiro é tudo,
 Seja o sentimento mudo,
 Consciencia, palavra vã;
 Nem á mulher poupeis dôres,
 Ide hoje mentir-lhe amores,
 Comprae-lhe a honra amanhã!

Que a victima chore... embora,
Cevaes no prazer d'uma hora
Um appetite brutal!
E depois... á desgraçada
Cuspi a face manchada
Com um cynismo infernal!

Maria, flor escondida
No immenso vergel da vida
Quiz-se nas aguas rever;
Junto ao rio, debruçada
Foi vista, foi requestada
E deixou-se emfim colher!

Depois... de modesta e pobre
Passou a amante de um nobre,
Pensou eterna a illusão;
Mas do prazer mal provava
Que defronte se lhe cava
O abysmo da perdição.

Abandonada, ao tormento
Longo, excruciante, violento
Do seu martyrio cedeu;
Na morte não se despenha
Porque a dôr foi-lhe tamanha
Que inda á existencia a prendeu!

Era no templo. Pausado
 Vibrava o órgão sagrado
 Notas de celeste amor;
 Ardiam vivos os lumes.
 D'envolta com mil perfumes
 Ia a prece fervorosa
 Té ao throno do Senhor!
 E' solemne e magestosa,
 Brota n'um supremo encanto
 A oração, no templo, alli;
 E alli corre doce o pranto,
 Como o meu pranto senti.

Bella, de negro vestida,
 Pedira ao templo guarida,
 Pedira fé para orar
 Uma mulher; mas bem perto
 Dardejava o olhar incerto,
 Alli perto a fusilar,
 Que buscava os seus olhares,
 E que era aos pés dos altares
 Só de paixão a fallar!
 E olhares se confundiam
 E o muito que alli diziam
 Não é dado traduzir:
 Um ao outro fascinava.
 Aquelle, ardente, abrazava...
 O que, em segredo, fallava
 Sabe-se apenas sentir;
 E este fugir-lhe quizera
 Mas se n'elle se embebera
 Não lhe podéra fugir!

Formosa, triste Maria
 N'aquelle olhar o que via?
 A luz do amor, a poesia?
 Não lhe podéra fugir!
 O poeta vira-a:—amava;
 O pensamento o escaldava,
 E o amor que, mudo, jurava
 Não o jurava a mentir?
 E olhares se confundiam,
 E o muito que alli diziam
 Não é dado traduzir.

Ha a paixão que rebenta,
 Que suffocar se não tenta,
 Do passado desligada,
 Que o futuro inda não vê;
 Nasce espontanea de um nada,
 Viva apenas, n'um instante,
 Assume um vulto gigante
 E não se sabe porque!

Ardiam no templo os lumes.
 D'envolta com mil perfumes,
 Em notas de santo amor,
 Subia a prece sagrada,
 Fervorosa, cadenciada,
 Té ao throno do Senhor.

— « Ai, de mim afasta o rosto
 Que não sou digna de ti,
 Deixa matar-me o desgosto
 Já que á vergonha sorri!
 Fallas de vida e poesia?
 Não falles: — uma ironia
 N'essas palavras de amor
 Eu não quero ler, mas leio;
 Que inda me ralam o seio
 Do remorso o espinho e a dôr!

« Tive por throno um patibulo
 E n'elle a honra immolei;
 Arrastaram-me ao prostibulo
 Tão descuidada... não sei:
 Ou me cegou a grandeza,
 Ou tive fé na firmeza
 Dos juramentos que ouvi;
 Nem eu sei se foi loucura,
 Se o desejo da venturã,
 O que sei é que cedi.

« De um nobre, — ouve, — fui amante,
 Mas de si me repelliu;
 Segue o gozo, n'um instante,
 O tedio que elle sentiu.
 Expulsou a concubina!
 Lançou uma vida á ruina,
 Mas inda a vida ficou
 Luz que um raio não projecta;
 Ai, guarda esse amor, poeta,
 Que digna d'elle não sou. » —

E a mão deixou pousar nas mãos d'aquelle
 Que aos pés d'ella a escutava, attento, immovel,
 Nos olhos o fulgor da intelligencia,
 Na pallidez da face o sentimento,
 Novo nos annos, e de crenças inda
 A alma repleta, enriquecido o peito.

— «E's innocente, Maria,
 E eu creio, Maria, em ti,
 Como creio na poesia
 Que desde o berço senti.
 Olha; consente em ser minha;
 Sê dos meus cantos rainha,
 Sê a minha inspiração;
 Deixa abraçar-te nas chammas
 Do fogo em que tu m'inflammas,
 Que me queima o coração.

«Eu e tu, n'este desterro,
 Iremos ambos a par:
 Falla-te o mundo de um erro?
 Ai, deixa o mundo fallar.
 Embora minta! — sou forte;
 Não temo as iras á sorte
 Heide-te volver a mão;
 E passaremos, querida,
 Tendo os dois uma só vida,
 Sós por entre a multidão!»

A mulher cedeu. O peito
 Que os prantos lhe comprehendeu
 Um ecco no peito d'ella
 Se encontrou—não no sei eu.

VII

Poeta, depõe a lyra;
 Sagras um hymno á mentira,
 A missão mentes talvez;
 Cumpre-te dar luz ao mundo,
 Votas-lhe um odio profundo,
 E blasphemias, e descrês!

E', poeta, falso o trilho.
 Dá ao fogo novo brilho,
 Para longe a ingloria cruz;
 Das vividas crenças d'alma
 Não deixes murchar a palma;
 Cumpre-te ao mundo dar luz!

— «Não peçam flores á myrrada planta
 Que verga e pende sem vigor assim.
 Perdi os cantos que a esperança doura,
 Perdida a crença, que me resta a mim?
 Perdeu-me um anjo, —maldizendo a vida
 Quizera o leito de uma campá emfim!» —

VIII

Um grande, um nobre perdera
 A mulher que se vendera
 A seus caprichos tambem,
 E arrancara a desgraçada
 Dos braços de sua mãe.
 Mais tarde, a pobre votada
 Ao seu desprezo, perdida,
 Inda na queda outra vida
 Comsigo a pobre arrastou.
 Sagrou-lhe um poeta amores
 Offertou-lhe em troca as dôres
 De um amor que lhe matou.
 Só, pungida de saudade
 Supplica ao mundo piedade,
 E nem piedade encontrou!

IX

E á pallida luz da lua,
 Vagando de rua em rua,
 Bradava uma velha: — « Ao ceo
 Juro aqui que ella era minha
 Dêem-me a filha que eu tinha
 Se essa filha não morreu! »

X

Nos braços da mãe a filha
 Emfim, tivera perdão;
 Nôs braços da filha a velha
 Cobrado havia a razão.

N'uma campã solitaria
Erma, rude e triste cruz
Escutava as preces santas
Que alli orava a Jesus
Pela filha, que morrera,
Uma velha que perdera
Da existencia o fogo e a luz.

A UMA SENHORA

Não ha um som de harmonia,
Nem uma nota de amor,
Na minha lyra, Maria;
Nos meus cantos, linda flor!

Ai, que uma parte quizera
Do que *fui* poder-te dar;
Dera-te uns versos—se os dera!—
Quando eu sabia cantar.

Mas reviver-me que hade
Se me é dado apenas crer
Que nutras uma saudade
Quando eu, ó bella, morrer.!

Pois que eu vivo não t'esqueças
Viver, d'esperanças nu;
E mais versos não... não peças
Que a poesia, ó anjo, és tu!

FLOR DA AFRICA

A' EXM.^a SR.^a D. CANDIDA M. GAMBOA.

Como desponta no mato
Uma rosa, sem cultor,
N'este solo adusto e ingrato
Tu brotaste, meiga flor;
Como nas trevas da vida
De maguas a mais transida
De uma luz se vê querida
No horisonte o arrebol;
Tu, formosa, em terra alheia,
Floriste, d'encantos cheia,
N'estes desertos de areia,
Aos ardores d'este soll

Flor, que um anjo nos ceos tinha,
Que um anjo deixou cahir;
Já que, perdida, florinha,
Quizeste aqui entreabrir;
Se é divina a tua essencia,
Se é de pura rescendencia
O perfume da innocencia
Que tu bebeste, que é teu;
Do impuro tacto te afasta
De um mundo que o lodo arrasta
Que, flor, tu deves-te casta
Ao anjo que te perdeu!

Toda a flor tem o seu vaso
Como o seu aroma e côr,
Não deixes pois ao acaso
A escolha do vaso, flor;
Se cá na terra é mentida
A afeição sempre; guarida
Pede e vida a outra vida,
Outro amor a outro Deus!
Cá dos prazeres a taça
E' breve, e turva-a a desgraça,
Flor, com a aragem que passa
Manda o teu incenso aos ceos!

1856

MORTE D'ALMA

Comme la feuille des bois tombe dans la prairie
Le vent du soir s'élève, et l'arrache aux vallons;
Et moi je suis semblable à la feuille flétrie,
Emportez-moi, comme elle, orageux aquilons!

LAMARTINE.—Médit.—

Eis-me nada: — esta alma é morta,
Frio gelo sem calor;
Existir, viver... qu'importa,
Se eu nem já sinto uma dôr?!
Lagrimas?—quem as chorára!
Espinhos?—quem os cravára
N'este triste peito meu!
Custa, mas lembra a vida,
A magua, filha descida
Lá das alturas do ceo!

Coração, eis-te partido,
Entre os outros mudo e só;
Amaste: foste cuspido
E ludibriado sem dó.
A illusão desfaz-se acaba,
Mais um futuro desaba,
Mais uma flor se murchou,
A hastea debil resistira
Dos elementos á ira
E um brando sopro a quebrou.

O porvir? — sonho dourado,
 Ditoso de quem o tem;
 Porque eu não — hoje... coitado,
 Que sou na terra?—ninguem.
 Um cadaver que vagueia?
 Um phantasma que passeia
 Pelas ruas d'afflicção?
 Uma sombra que s'escoa?
 Um pouco de pó que voa
 Sobre as azas de um tufão?—

Quem sabe?! — inda hontem eu era
 Rica de esperança e fê;
 Loucuras! — se eu lhes podera
 Dar a mão, pôl-as de pé...
 Mas não posso; embaalde o tento.
 Tudo em mim é desalento,
 Falta-me a luz... o vigor,
 Roubaram-m'ó, — roubou-m'ó ella,
 Essa fada ou essa estrella
 De satânico fulgor!

Amei-a; — paixão... delirio...
 E' pouco... — que mais não sei.
 Julguei-a candido lyrio,
 Lasciva rosa a encontrei.
 Cahi; — deslacei mil prantos
 Tão sentidos... tantos... tantos...
 Seccaram os olhos meus;
 Roguei, em amor acceso,
 E só tive o seu desprezo,
 O seu desprezo!... oh! meu Deus!

E ri... rainha formosa,
 Deixem a virgem folgar;
 Remorso, idéa penosa,
 Que a não vão lá perturbar.
 E matou-me,—bem o sabe,—
 Mas em seu peito só cabe
 Ventura... amor que seduz
 A mim ventura?—um sudario
 Amor?—oh !esse... o calvario
 Onde fui cravar a cruz.

Que me resigne, donzella,
 Que offerte a outrem paixão?
 Negra phrase; — tremo d'ella
 Perdoar-t'a... nunca, não.
 Ao desdenhar do meu culto
 Ajuntas um novo insulto
 Do mais acerbo pungir,
 Mas talvez... talvez um dia.
 Depois do fel d'agonia,
 Saibas o que é não sentir.

Eu não sinto:— a morte d'alma
 É das mortes a peor,
 Estagnar-se em podre calma
 D'irado mar o furor
 É triste...—mas é a sorte
 Que me deste;—já sem norte
 Eis-me pois a caminhar,
 Terá isto um fim, um praso
 Ou então sempre, ao acaso,
 Heide viver e passar?!

Poeta, martyr, proscripto,
Agra sina me fadou.
E nasci:—dia maldito
O que ao meu nascer raiou—
Por ti, mulher, eu blasphemo,
Condemnar meus paes não temo;
Um favor—escuta bem:
Segunda o golpe que erraste,
Já que esta alma espedaçaste,
Mata-me o corpo tambem!

MORTE DO CORPO

Ó alma, expande-te altiva,
Não te confranças aqui,
Parte os laços de captiva,
Eleva... eleva-te ahí!
Ergue-te n'um vôo immenso,
Vôa, sobe, que é intenso
Do frio aqui o turpor;
Sê livre, adeja na altura,
Não gemas co'a creatura,
Folga aos pés do Creador!

Não deixes que a flor da vida
Se esfolhe, ainda em botão,
Procura-lhe outra guarida,
Porque a d'este mundo... não!
Aqui... se o pranto gotteja
Um sorriso — morde a inveja
Cada alma, — de paixões vis
Cada peito se repassa,
Por socia existe a desgraça,
A maldade por juiz!

Perdem-se n'este desterro
 A gloria, nobreza e amor,
 Ó alma, desfaze um erro,
 Dá-me vida e tem fulgor!
 Foge o mal que gera o crime,
 E n'um mundo mais sublime
 Brilharás, pura, sem veio;
 Nem será teu brilho escasso,
 Por imperio tens o espaço,
 Páras ás portas do ceo!

As sombras do meu passado
 Evoca as, se podes, lê
 N'esse livro salpicado
 Dos prantos que a magua vê;
 Soletra ahí amarguras,
 E cada uma das torturas
 Que um pobre peito estorceu,
 Olha, manchados de sangue,
 Os restos de um corpo exangue
 Que tanto sangue verteu!

Lembras-te? ha pouco provava
 Do esteril, terreno amar;
 É amargo — amargo. trava.
 Não se olvida o seu sabor;
 Amor insósso, maldito...
 Nasce ás raias do finito,
 Pára alli, não tem fanal;
 Não vem da alma... offende-a, fere-a.
 Vive apenas na materia,
 E no appetite brutal!

Vive lá; lá folga e mora;
 Lagrimas? sorve-as também!
 Offerta prazer? em! ora.
 Que tantas dôres contém!
 Não quero. Esse amor é nada,
 Abate, avilta, degrada
 E punge... não quero mais!
 Vou do inferno ao paraizo,
 Cesse o pranto e n'um sorriso...
 Maguas se esqueçam e ais!

Ao paraizo. Ha amores
 Que como este amor não são,
 Que se o aroma tem das flores,
 Os espinhos não tem — não; —
 São reflexo da ventura
 Do ceo, tem nobreza e dura,
 Nobreza o ceo lhes fadou;
 Compenetram-se da essencia
 Do autor, da nossa existencia
 Que o sol no espaço lançou!

D'esse amor, mulher, provemos,
 Será bello para nós,
 Com elle o mundo esquecemos,
 N'outro mundo somos sós;
 E duas almas s'enlaçam,
 Entrelaçadas devassam
 D'outros mundos o esplendor,
 Onde a luz não esmorece,
 Nem uma sombra escurece
 O seu nitido fulgor!

É morto o corpo. Se é nada
 Que importa morresse já?
 Não passa de fria ossada
 Que pó em breve será!
 Que importa que ao cemiterio
 O levassem, e no imperio
 Dos mortos entrasse emfim?
 Ou que a uma valla arrojado
 Durma o somno descansado,
 O somno que não tem fim!

Que importa?! mas vive. ó alma,
 Pelo amor e pela fé;
 Na fronte ajusta-me a palma
 Do que as crenças tem de pé!
 Vamos; — sobe; — a terra deixa;
 E não soltes uma queixa
 Que a meu des'erro pões fim;
 Tira-me d'este jazigo,
 Leva-me, ó alma, contigo,
 Torna-me digno de mim!

**A DUAS JOVENS E INTERESSANTES SENHORAS
IRMÃS, QUE FAZEM ANNOS
NO MESMO DIA**

Uma flor brotou de um tronco,
Tanto em graças explendia
Que a natureza ao creal-a
Como que a si excedia.

Não achareis mais encantos,
Entre as flores, como os seus
Crereis ao sentir-lhe o aroma
Que o aroma pedira aos ceus!

Quem ao vê-la, n'um arroubo
D'entusiasmo a contemplara,
Dissera: — «esta é a flor unica
Nem Deus outra, assim formara.»

Mas Deus, o artista sublime
Das obras da criação,
Para quem das maravilhas
Não existe a negação;

Fez brotar do mesmo tronco
Um anno apoz, mesmo dia,
Outra flor irmã d'aquella
Qu'inda aquella parecia.

Filhas de um só pensamento
Retrata uma a outra flor,
E eu completei o prodigio
Juntando-as no mesmo amor!

E pois que hoje marca o dia
Em que as flores se formaram;
Deixo aqui um hymno d'alma
Ao tronco d'onde brotaram.

Emquanto ás duas... ao vê-las
Bellas sem serem rivaes,
Só me resta aqui jurar-lhes
Que não posso amal-as mais!

A SULTANA

I

Como dorme descuidosa,
Tão formosa,
Reclinada em seu coxim!
É a flor enamorada,
Debruçada,
Debruçada no jardim!

Orna-lhe as tranças caídas,
Desprendidas,
Requebrada e linda flor,
Brinca, ao capricho da aragem,
A roupagem,
A roupagem de alva côr.

Dos labios foge o perfume
Que resume
Todo o perfume do ceu ;
Que só não deixa perdidos
Os sentidos
Se os sentidos não colheu.

Desce-lhe a fronte indolente
Docemente
A repousar sobre a mão,
Fronte que um raio illumina
De divina
De divina inspiração.

No seio branco de neve
 Mui de leve,
 Mui de manso, pouosa alli
 Variegada borboleta,
 E a indiscreta...
 A indiscreta pouosa e ri!

Que vaga melancolia,
 Que magia,
 Em tão sereno dormir!
 É fada de mil encantos
 Que são tantos,
 Que são tantos a attrahir!

Como dorme a preguiçosa,
 A graciosa,
 A linda rosa do harem!
 É quem sonhara os risonhos
 Bellos sonhos,
 Os bellos sonhos que tem!

Quem não lêra, n'um momento,
 Sentimento
 N'aquella pallida tez?!
 Que alma não fôra captiva
 De lasciva,
 Tão lasciva languidez?!

Quem não exclamara, ao vê-la,
 Como é bella,
 Placida dormindo ahil
 Quem não sorrira ao sorriso
 Meigo e liso,
 Meigo e liso que sorri?!

Qu'imprudente não pagara
 E bem cara
 A loucura de a adorar,
 E de ir, n'um tepido beijo,
 Um desejo,
 Desejo ardente matar?!

E, dormindo, tudo é quedo;
 Nem a medo
 Ave plumosa trinou;
 Nem ao som de voz humana,
 A sultana,
 A sultana despertou!

Mas desperta. O somno é curto;
 Só, a furto,
 Mata ao corpo a lassidão
 Quando a consciencia entorpece,
 E adormece
 E adormece o coração.

É agora no semblante
 Mais tocante
 O sympathico pallor;
 Mas um traço ao rosto assoma
 Que é symptoma,
 Que é symptoma de agra dôr.

Entreabrindo os lábios finos,
 Onde os hymnos
 Do prazer crêreis achar,
 Deixa só queixas sentidas,
 Doloridas,
 Doloridas escutar.

«Sonhava. — O sonho era bello,
 Com minha infancia sonhei;
 Foi-se-me a alma, n'um anhele,
 Prender a gozos que eu sei;
 Mas se deve á luz do dia
 Succeder noite sombria,
 É o sonho uma ironia,
 Mais valera não sonhar.
 Mais valera. Se ao que existe.
 Por fanal, a dôr assiste,
 Mal-haja o sonho ! É mais triste.
 Punge mais o despertar!

«Na solemne despedida
 Da existencia ao nada, ao pó
 Porque vens, visão querida,
 Ao *que foi* atar o nó?
 Um passado de bonança
 Que val? — que val a esperanza
 Ir-se ao berço da creança
 E embalal-o com a mão;
 Se depois, se, em breve, é morta
 Essa creança que conforta,
 Se o destino vem e corta
 Cada nobre aspiração?!

«Vida em que o prazer não cabe,
 Nem ha maguas a soffrer,
 É vida? — Eu vivo? — Quem sabe
 Se não sentir é viver!?
 Em vez da vivida creança
 O gelo da indifferença

Se me agglomera e condensa
 Sobre o peito; e em que turpor
 Morno, constante, enfraquece
 O espirito que arrefece,
 Que um raio não esclarece,
 Que não anima o calor!

«Arrastaram-me ao prostibulo,
 Disseram-me: «és grande aqui;»
 Era dourado o patibulo ..
 Não hesitei, e subi!
 Eu vim, cheguei resignada;
 Era tão pobre, coitada...
 Faltou-me a luz; deslumbrada,
 Foi-me a cegueira fatal;
 E se a corôa foi minha,
 Se do harem sendo rainha,
 Toda outra rosa desfinha,
 Perde o brilho no rosal;

«Eu perdi d'alma a frescura
 Pouco e pouco, mais e mais,
 Na brutal desenvoltura
 Dos prazeres sensuaes!
 Saciou-se o corpo. Perdida,
 Assim fuge não sentida,
 Que é mais morte do que vida,
 Esta vida — Ao coração
 Co'a palma do sentimento,
 Viera uma dôr, por momento,
 Por cada instante, um tormento,
 Mas no tormento a paixão!

«Cingir quizera a grinalda
 Das que vivem pelo amor;
 Do que nas veias escalda,
 Do que ás faces rouba a côr!
 A ventura que avienta
 Não chegasse branda e lenta;
 Viessem com ella a tormenta,
 As furias do vendavall!
 Quizera a magua que opprime,
 Ou um remorso sublime,
 Ou a lembrança de um crime
 Embora fosse infernal;

«Mas a luz que vivifica,
 Calor ou febre, mas luz;
 Luz que outros gozos indica,
 Que a outros mundos conduz!
 Quem vacilla, quem hesita
 Entre um peito que palpita,
 Que abunda em seiva infinita,
 Ou o marasmo?— Ninguem.
 Se á mente em chammas acesa
 Vae do delirio a incerteza,
 Do não— sentir a tristeza
 Morte ás vezes dá tambem!

«A' beira do precipicio,
 Ninguem me brade: «não vás!»
 Se este viver é ficticio,
 Se nem dôr nem gozos traz,
 Se aqui se dobra a vontade,
 De impotente,— se a verdade

É fatal, e se não hade
 Realisar os sonhos meus;
 Haja o vigor que s'esforça
 Haja um momento de força,
 O corpo ahi se contorça,
 Expanda-se a alma nos ceus!

III

E a sultana, de indolente,
 De dormente,
 Que era, ha pouco, em seu coxim,
 Com sangue de rubras côres
 Tinge as flores,
 As flores do seu jardim.

Rasga o seio delicado,
 Malfadado,
 Um punhal:—do coração
 Parte agudo e dolorido
 Um gemido,
 Um gemido, que mais... não.

Não receeis acordal-a,
 Desperta-a...
 Nem do somno a despertaes;
 A mão no golpe foi certa;
 Não desperta...
 Não desperta nunca mais!

AUSENCIA

Corria tão docemente
O nosso amor innocentel
Tão ledo, tão meigo e liso,
N'um aspirar tão sereno
Ao sonhado paraizo;
N'um enlevo doce e ameno.
N'uma tão santa alegria
Este nosso amor corria;
Que era forçoso, querida,
Ver findar-lhe o suave encanto,
Dar alento áquella vida
Com o baptismo do pranto!
Se n'um sorriso nascera,
N'outro sorriso morrera
Que um sorriso é muito e é nada.
N'elle disposta a ventura,
Flor dos sonhos do poeta,
Mas que definha e não dura
Se depois não é regada
Com lagrimas tristes... tristes;
E a ventura assim comprada
Entre as ancias do tormento
Se é mais cara, e só completa
No mundo do sentimento!

E mais quero ao nosso amor
 Do que d'antes lhe queria,
 Que é mais sentida a poesia
 Que s'inspira de uma dôr!
 E que dôr é esta! a ausencia
 Que, n'um recordar maguado
 Triste sombra da existencia
 Que me passou a teu lado,
 Tão preso me traz... tão preso...
 Pois com mais... com mais desvelo
 Eu em ti penso, formosa,
 E este amor inda mais préos
 Que doideja n'um anhelos
 Que nas azas do ciúme
 Voa a perguntar-te, ó rosa,
 Se tua paixão é finda,
 E a beber o teu perfume
 De tão longe, ahi, ó flor!
 E pois mais lhe quero ainda
 No ralar d'esta anciedade,
 No gemer d'esta orphandade,
 No pungir d'esta saudade,
 Nas saudades d'este amor!

E sempre longe; e comigo
 Sempre, ó anjo, a tua imagem,
 Luz que me vem, e que eu sigo
 Como celeste miragem
 Que além surge debuxada
 Entre golphadas de luz!
 E essa tristeza de fada
 Que na face mais se aviva,
 D'essa fronte pensativa

A pallidez que seduz,
E d'esse talhe a elegancia,
E todo o aroma, a fragrancia
Que respiras e qu'exhalas,
E a harmonia d'essas fallas,
E o fulgor d'esses olhares,
E tu... tu sempre comigo!
E ora foges;— ora perto
Vens, e de perto te sigo;
E és tu só n'este deserto
Que eu escuto, e vejo, e sinto;
E pela extensão dos mares,
Na immensidade dos ares,
Na vasta amplidão dos ceus
Não me fallam mais encantos
Que não sejam esses teus;
Que a ti só eu vejo e sinto,
Que por ti só os meus prantos
Me deixam cavado o rosto
A attestarem que não mintol
E sempre o mesmo desgosto
Que adoça a mesma esperança;
Que o meu affecto não cança,
Nem s'extingue o seu ardor;
Que tu pensas em mim, flor,
Nos seios d'alma o presinto;
Que em quanto vivo contigo,
De longe vives comigo
Sempre... sempre n'este amor!

**E não m'esqueço: — este dia
Que em sorrisos de alegria
Eu vi nascer a teu lado
Tantas vezes, ó meu anjo,
Não me fica deslebrado!
E não m'esqueço — não; hoje,
Cortando o espaço que abranjo,
O pensamento me foge,
Vae-me o espirito no vento
Contar-te lá o tormento
Que me aneia aqui, a dor
Que por ti eu me hei imposto;
Vae dizer-te que este dia,
N'esta ausencia, minha flor,
Me surpreendeu no rosto
Mais um traço de agonia,
Mais uma prova de amor!**

No março.

PARA RECITAR AO PIANO

— —

I

A nuvem corre no horizonte extenso;
—Que espaço immenso lhe verás transpor!—
Afaga o vento da floresta a cama,
Rescende o aroma no seu vaso a flor;

Murmura o rio no descer da encosta,
E passa, e gosta d'escutar-se assim;
Descobre a lua na amplidão celeste
E o oceano veste de esplendor sem fim;

No mar, as vagas refervendo espuma,
Eis uma a uma a suspirarem sós;
No bosque, á noite, o rouxinol emprazas?
Sacode as azas, e desprende a voz.

Longo mysterio cuja origem sondas
No ar, nas ondas, no que, em torno, vês,
Mysterio, ó virgem, que te obriga o seio,
N'um doce enleio, a estremecer talvez!

Hesitas? córas?—perfumada a aragem
Essa linguagem segredou-te já
Que falla inteira a criação, que a terra
Exhala e encerra, que a recebe e dá?!

Oh! pois, bem hajas se fallar sentiste
A lei que assiste ao universo emfim;
Que é lei suprema, — que a harmonia é esta
Que um Deus atesta, que t'inspira assim!

Oh! pois bem hajas qu'entendeste a vaga
E a voz presaga do gentil cantor,
E a flor, e a nuvem, e o luar singelo
Que tudo é bello, — tudo diz — amor!

A UMA JOVEN E EXCELLENTE PIANISTA

II

Não sei que é isto: desusado aneio
Sinto no seio, ao contemplar-te ahí,
Ao ver-te a fronte virginal banhada
Na luz doirada que refulge em ti.

Ahí sentada a inspiração ardente
Que sabe e sente traduzir-se então,
Do piano ás teclas novos sons roubando,
Ao leve, ao brando espriguiçar da mão;

Como que imprime irresistível na alma,
Que em doce calma, por te ouvir, jazeu,
Todo o segredo que a harmonia encerra
E que da terra tu pediste ao ceu!

Se, pois, ao ver-te, seductora e bella
Lucida estrella, enamorada flor,
Eu penso, eu sinto que por ti existo,
Não sei que é isto, se não é amor!

Amor, decerto, que no espaço abranjo.
Sagrado ao anjo que encantar-nos vem;
Que outros amores que na terra cabem
Anjos não sabem entendel-os bem!

PORQUE NÃO SENTES ?

—

III

Houve uma estatua que um milagre, em parte,
E o genio e a arte fabricaram sós;
Por nova, estranha, divinal conquista,
Deu-lhe o artista movimento e voz!

Assombro, pasmo, da escultura encanto,
Não podem tanto mais cinzeis ousar,
Amou-a um louco, — que baldado anhelou!
Era de gelo, porque a foi amar?!

Amou-a um louco. Desvairado anceio!
Pulsa-lhe o seio, mas de crenças nu;
Attenta n'isto, considera um pouco,
Que eu sou o louco, como a estatua és tu!

Mais cada dia teu olhar me prende,
Mais me surprehende seu glacial fulgor,
Percebo, sinto, se até mim o levas,
Na luz as trevas, no prazer a dôr!

Porque em teus olhos se contempla a chamma
 Que não t'inflamma, que me abraza a mim?
 Porque em teus labios a harmonia é calma
 Que um hymno d'alma não traduz emfim?

Porque não sentes? um occulto affecto
 É que esse aspecto, por fingir, te dá?
 Oh! não, não creio que um amor obscuro
 Ao teu futuro se enlaçasse já!

Não. Tu não sentes. Para o amor nasderas.
 E já me houveras comprehendido o amor;
 Astro, que os astros do universo humilhas,
 Quanto mais brilhas, menos tens calor!

Pois vae-te, passa, mentirosa imagem,
 Vae-te ó miragem d'illusoria luz,
 Siga eu embora no fatal caminho,
 Mas vá, sósinho, demandar a cruz!

Oh! vae-te — passa; — teu olhar parece
 Que me enlouquece no glacial fulgor;
 Por elle eu sinto, se até mim o levas,
 Na luz as trevas, no prazer a dôr!

Mas, antes, dize, porque atroz descrença
 A indifferença toda em ti se vê?
 Mentir? não mintas — nem de balde o tentes!
 Porque não sentes? dizem emfim, porque?

IV

Lgrimas tristes, orvalhae meu rosto,
Fundo desgosto, dá-me um canto só;
Que tudo é findo, pois não é, na vida
Que, dolorida, se revolve em pó?!

O' dôr, ainda, n'um extremo alento,
Dá-me o lamento que ao porvir dirá
Como esta fronte mergulhaste em trevas,
Como me levas ao sepulchro já!

Ultima nota de quebrada lyra
Que os ares fira, vá dizer a *alguem*
Que um morto passa que o amor consome,
Mas que seu nome bemdirá além!

Quando a existencia só despede horrores,
De murchas flores só se alastra o chão.
E o vento geme, cede a luz no occaso,
Quem pode acaso resistir em vão?!

Ai, tudo é findo! Tempestade immensa
Leu-me a sentença n'um solúço atroz!
Por crenças, cantos, que a esperança offerta,
A campa aberta, do estertor a voz!

Do mundo os eccos que escutei outr'ora
 Nenhum agora para mim já é;
 Por sons festivos, o piar me assiste
 Do mocho triste que me adeja ao pé.

Da morte os labios são já perto, vejo-os,
 Sinto-lhe os beijos d'hediondez glacial;
 Mas inda a morte me não rouba ao seio
 O ardente aneio d'este amor fatal!

Por isso exclame quem me vir sósinho
 N'este caminho, por que á tumba vou;
 ' — Um morto passa que a mortalha pede,
 E se despede do que mais amou!' —

E tu, ó corpo, se o vigor recobras,
 Sacode as dobras da mortalha em ti;
 E dize ao mundo que o amor é bello
 Mas n'esse gelo te lançou ahi!

Ao anjo pede que na terra amaste,
 Por quem rasgaste da existencia o veio,
 Que um dia as preces te vá dar saudosas
 Que Deus em rosas trocará no ceo!

A CARLOS ANDRADA MENDOÇA

NO SEU ALBUM

I

Franqueiem-se as portas do templo divino,
Descerrem-se as nuvens que occultam a luz;
Que, aos meigos accents das notas de um hymno,
O genio das artes um filho conduz.

Symbolicas arvores do adyto santo
Attestem o viço de eterno verdor;
O veo se desprenda, recolha-se o manto,
Que o alcáçar velavam da gloria e do amor.

Rescendam nos ares os suaves perfumes
De flores celestes do mago jardim,
O altar illuminem phantasticos lumes,
Os cantos solemnes resoem sem fim!

Os anjos que escrevem, do augusto santuario
No candido livro sagrado por Deus,
Os nomes de artistas que o tempo tão vario
Respeita na terra, proclama nos cous;

As fadas que foram tecer a corôa
 Que á frente ajustaram de um Tasso ou Camões,
 A fama que aos mundos aponta e pregoa
 Os fúlgidos louros, as nobres canções;

Os anjos, as fadas, a fama, á porfia
 Accorram ao templo qu'inunda alma luz,
 Que aos thronos das deusas 'pintura e poesia'
 O genio das artes um filho conduz!

Artistas-poetas nasceram do povo:
 Nos quadros o illustrem, nos cantos tambem!
 Cruzada sublime! Victoria! De novo
 S'inscreve um adepto:—lá chega—lá vem—

II

Chegaste. Foste bem vindo.
 Todos te cercam, sorrindo,
 Todos te estendem a mão;
 Ha mais na santa cruzada
 Uma esperança sagrada
 Pois conta mais um irmão!

Um nome de mais na lista
 É um passo na conquista
 Empreendida do porvir;
 É triumpho cujas palmas
 Vicejam em quantas almas
 Lhe abençoam o florir!

Por isso, a deusa formosa
 Que os teus passos, extremosa,
 Ao santuario encaminhou,
 Desprendendo a voz sonora
 Com que os anjos enamora
 D'est'arte assim te fallou:

• « O seculo é grande ; e o povo
 Não sonha um futuro novo
 Que a força d'armas lhe dê;
 Seguro e assente o seu throno
 Sobre as ruinas, no abandono
 De outros thronos já não crê.

« No festim da intelligencia,
 E no banquete da sciencia
 Quer o povo o seu logar;
 Que é essa a immensa victoria,
 Essa a immarcessivel gloria
 Que lhe cumpre conquistar.

«Mas a ignorancia porfia,
 Na lucta não s'entibia,
 É o inimigo a vencer;
 E o pallido obscurantismo,
 No impotente paroxismo,
 Hade emfim á luz ceder.

«Da guerra o facho se apaga,
 Nem o sangue o campo alaga,
 Nem trôa a lêm o canhão:
 N'estes ingentes combates
 Os heroes serão os vates,
 Vem-lhes de Deus a missão!

« A penna, a lyra sagrada
 Poderão mais do que a espada,
 Mais que o punhal o pincel;
 Na universal harmonia
 O porvir não se atavia
 De falso e vão ouropel!

« Cante o poeta;—que a crença
 O illumine sempre intensa
 Viva-lhe o amor nas canções;
 Pois que o amor é o perfume
 Que suavisa o azedume
 Das mais arduas provações!

« E tu, pois, poeta-artista,
 Caminha ousado á cênquista,
 Alenta o povo com fê;
 Que, apoz a nobre victoria,
 Lá tens os fastos da historia,
 E a immortalidade ao pé! »—

III

O genio calou-se. Silencio que avança
 Involve, circumda, de novo, a mansão,
 Mas restam-te ainda, poeta, a lembrança
 E a funda consciencia da nobre missão!

UM CONSELHO

A' IXM.^a SR.^a D. ADELAIDE GAMBOA

Minha Adelaide, eu sou moço,
Sou muito novo; mas ai,
Que á minha custa já posso
Dar-te um conse-lho, — e lá vae,
Talvez, formosa, teu pae
Com conselhos de valia,
Que lhe inspire a sympathia,
Te vá formando a razão;
Mas ha conselhos que fallam
Tão-sómente ao coração,
Que um pae cala, que outros calam
Por estranhos, que um amigo
É o que os diz, como eu digo;
Minha Adelaide, attenção!

Engano de mil enganos
É o mundo, tenra flor,
Porém os teus quatorze annos
Não t'ó deixam ver. amor.
És na idade em que se goza,
Sem que turbe o gozo a dôr,
És a linda mariposa
Aos raios do sol, brilhante,
És o sonho côr de rosa,

És um anjo ; — mas, instante,
 Mais um anno perto vem,
 E são quinze. O sentimento
 Aos quinze chega, e por bem
 Nunca chega. Perde o brilho
 A mariposa que tinha,
 A desgraça tolda o sonho
 Com as nuvens que trouxe,
 E fique embora rainha,
 De outra senda em novo trilho,
 Já não é o anjo risonho
 É a mulher só mulher !

Apesar de não ser velho,
 Minha Adelaide, o conselho
 Sempre, emfim t'ó darei eu :
 É que não faças mais annos:
 Que os quatorze são do ceu,
 E os quinze já são profanos.
 Deixa-te ser innocente;
 Quem não sabe e quem não sente,
 Quem só vive da innocencia,
 Esse tem a grande sciencia,
 Porque é só esse o feliz.
 Passar deixa o tempo — embora !
 Não contes hora por ora,
 Um amigo é quem t'ó diz !
 Um anno a outro succede,
 O qu'importa a quem não mede
 O tempo ? — e não, não o meças,
 Deixa-te ser innocente,
 Não lhe implores, não lhe peças
 A agra sciencia do que sente !

Se o conselho não tomares
Se, em troca, o tempo contares
Em anhelos de paixão;
Adelaide, tu um dia
Me dirás se o que eu dizia
Era assim, meu anjo, ou não?!

A CAMILLA

Nos jardins d'esta existencia
Apenas ha uma flor
Que tenha a divina essencia:
É o amor.

N'esta rapida torrente,
Passam terras, mares, ceus,
Mas no amor é que sómente
Se vê Deus.

Apressemos-nos, Camilla,
Para o amor vivamos pois;
Que a vida é luz que scintilla
E depois...

E depois é sopro, é fumo
Que s'exhala, que s'esvae,
Astro perdido sem rumo
Que descae!

Apressemos-nos; seja hoje,
Pode ser tarde amanhã
Que a vida é noite que foge
Sem manhã

Quando a luz do amor, radiante,
A não vem allumiar!
Tu nasceste, minha amante!
Para amar,

Inclina-te nos meus braços
Como eu m'inclino nos teus,
É mister rasgar espaços,
E ver Deus!

AO CREPUSCULO

I

Eu amo a tarde quando as sombras tenues
Que surgem lindas no horisonte em fogo,
Se agrupam todas ao clarão phantastico
Do rei dos astros, que lhes foge logo;

Simelham, tristes, mil phantasmas pallidos
Que passam mudos, sem um riso, um pranto;
Que trajam vestes d'escarlata vívido,
Com franjas d'oiro no ceruleo manto!

As nuvens leves se agglomeram rapidas
E assumem ledas de um colosso a fôrma,
Que a branda aragem nas lufadas tepidas
Perfuma os ares, e a illusão transforma.

Chega o crepusculo: — visão sympatbica!
Ao quadro bello como o imperio é curto!
As trevas surgem; cede a luz já timida
Um raio apenas projectando a furto.

Eu amo a tarde quando exhala os canticos
De immenso amor a natureza inteira;
O incenso em ondas a subir balsamico!
A brisa em sopros a adejar. fagueira!

Eu amo a tarde que serena e placida,
Quando o silencio magestoso impera,
A alma conforta do lutar continuo
De paixões tantas co'a razão severa!

Eu amo, ó tarde, ler em ti mysterios
Infundos, vagos... mas que n'alma aceedo.
Que novos mundos vens crear no espirito!
Que novas crenças infundir no peito!

E a turba passe, te despreze e, sceptica,
Prosiga embora no seu vão caminho,
Que, ó tarde, ao ver-te, que vens triste e languida.
De amor eu te heide vir fallar sósinho.

E eu amo a tarde quando exhala os canticos
De immenso amor a natureza inteira;
O incenso em ondas a subir balsamico!
A brisa em sopros a adejar fagueira!

II

Não ha ternura da lua
Que phantastica fluctua
No sympathico pallor?
E na aragem que cicia
Não ha notas de harmonia,
Accentos de immenso amor?

Não ha porventura o gozo
N'um *não-sei-que* mysterioso
De uma vaga aspiração.
Que se sente e não s'explica,
Que, se dura, vivifica,
Que, se cresce, é a paixão?

Ha:—existe; — eu n'elle creio—
 Vive-me n'alma e no seio,
 Sinto-o nas veias estuar
 Um fogo d'ignota chamma
 Que todo o sangue m'inflamma,
 Sem nas chammas me abraçar!

Dentro em mim sinto a tendencia
 De fundir esta existencia
 N'outra vida, n'outro ser,
 Que fui um brado divino
 Que me disse: — «o teu destino
 A outro o deves prender.» —

Pois se é morte o isolamento,
 Se arrefece o pensamento,
 E se ás trevas nos conduz;
 Não heide buscar a vida,
 Alentar a flor pendida
 Dando-lhe o vigor e a luz?!

Heide sim, que do poeta
 A missão só é completa
 Se dos mil sonhos que houver
 Vir aqui a realidade,
 Que o sabio chama — «verdade» —
 E que Deus chamou — «mulher!» —

E eu quero o amor: os meus cantos
 Serão nobres, e aos meus prantos
 Prantos eu verei unir;
 Perde a magua entre dois entes
 As suas dôres vehementes
 O seu acerbo pungir:

E ama toda a natureza,
 Ha amor na singeleza
 De cada modesta flor.
 E na aragem que cicia
 Não ha notas de harmonia,
 Accentos d'immenso amor?!

III

Qu'importa ter sido amada
 Uma virgem, anjo, ou fada
 Por mim com tanta paixão,
 E mulher, que julguei pura.
 Sob um yeo de singeleza,
 Esconder tanta frieza,
 Trazer occulta a traição?
 Qu'importa se, --na loucura
 Do meu amor, --n'um sorriso,
 A imagem do paraizo
 Tentou saber-me fingir?
 Qu'importa ter-me ella dito
 Que medira o infinito
 Por seu amor, e mentir?
 Qu'importa se a alma de gelo
 Não sabe affectos sentir?
 Perdi-a: partiu-se o elo
 Porque era falsa a innocencia.
 Veiu a esperança querida,
 E tive fé n'outro amor.
 É tão variavel a vida,
 E nos jardins da existencia
 Encontra se tanta flor!

Busco o amor vertiginoso
 Que venha casar-se ao meu;
 Que no amor eu quero o gozo,
 E no gozo eu quero o ceu!
 Quero turbar o repouso
 D'este viver;—ha affectos
 Com que outros folgam contentes
 E nunca ninguem m'os deu.
 Anhe-lo-os assim, completos,
 Sejam embora pungentes
 As maguas que juntas vão;
 Embora venham, a furto,
 De prazer breves momentos,
 E haja em troca longos, lentos,
 Tristes dias de afflicção!
 Bem sei que o gozar é curto,
 Mas se pode co'a ventura
 Que o anima e que o afaga,
 Com as dôres da amargura
 Tambem pode o coração.
 E eu quero o amor que embriaga;
 Nem m'importa ver perdida
 A fé no primeiro amor,
 Porque nos jardins da vida
 Existe mais de uma flor!

IV

Dá tarde eu amo no remanso tetrico
 Deixar as turbas no seu vão caminho,
 E á tarde amiga, que vem triste e languida,
 De amor as fallas segredar sósinho.

VERDADES

A EDUARDO TAVARES

I

Quem sonha não vive. Quem deixa embalar-se
Nos sonhos formosos que á mente lhe vem,
E em ledas mentiras deseja engolphar-se,
Dos sonhos, que sonha, não quer despertar-se,
Não vive... que a vida nos sonhos não tem.

Quem sonha dormindo, quem sonha acordado,
Nos sonhos, vae longe do mundo real ;
Um vôo desprende no espirito ousado
Que paira nos labios de um ente adorado,
Nas folhas das rosas de grato rosal,

Nos eccos ingentes da tuba da gloria,
Nos raios ardentes da vivida luz,
Nas paginas santas do livro da historia,
No estrepito immenso dos sons da victoria,
Em tudo que é bello, fascina e seduz!

Eu penso que é louco quem jura que existe
 No mundo a mentira, que o jura e não crê;
 Existe a verdade, — sósinha, é tão triste...
 Cada homem se afasta da luz que lhe assiste,
 E os olhos cerrando... cerrando... não vê!

Acorda mais tarde. Nos sonhos não via
 Traições festejadas, vilezas de pé;
 E clama, nos transes d'intensa agonia:
 «Mal-hajas, ó mundo que esmagas n'um dia
 Um nobre passado de crenças e fé!»

A dôr que o lanceia lhe vem sobranceira,
 A palma lhe offerta de acerbo soffrer.
 E soffre... perdeu-se da luz verdadeira,
 Involve-o, nas sombras, completa cegueira.
 Não vive quem sonha: não vê... que não quer!

Mas dizem: » n'um sonho, sympathica, infinda
 Visão seductora vem na alma brincar,
 Que mente?... qu'importa?-mentira, és tão linda! »
 E o sonho se acaso não morre, não finda,
 Também antes quero viver a sonhar.

II

Ide ao baile: — vêde a festa:
O ruído vos atesta
Ser a festa de encantar;
Cega a viva luz dos lumes,
Vem das flores os perfumes
Docemente embriagar;
Vêde alcatifas custosas,
Olhae as galas pomposas,
Olhae a festa: pasmae!
E ás turbas, que doidas passam,
Que pelas salas s'enlaçam
Vós tambem vos enlaçae.

Quem á festa não viria?!
Que torrentes de harmonia
Em magicas vibrações!
Como vae lasciva a dança!
Como a walsa abate e cança
Nas vagas ondulações!
Cada rainha da sala
N'um só sorriso avassalla
Quem sorril-a corre a ver!
De quanto amor, em primicias,
Se não sonham as delicias
Que em sorrisos se vão ler!

Vede:—as faces coloridas,
 E levemente tingidas
 Por delicado rubor,
 A alma que s'expande, louca,
 Meiga a fronte que se touca
 De branca, singela flor,
 D'essa dama, não excitam
 Nos estos que vos palpitam
 No sangue o ardor da paixão?
 Dizei-lh'o Responde :—ouvistes?—
 «Foram as festas bem tristes
 Sendo mudo o coração!»

E, n'um tímido abandono,
 Se requebra no seu throno,
 E vos falla de sentir;
 Diz-vosque o amor dá vida
 Que uma paixão desabrida
 Doira as horas do existir.
 Fitaes a visão divina,
 E a mente se vos fascina
 Que julga antever a luz:
 Foi-se o baile, foi-se a dança
 Que só cuidaes da esperança,
 Que vos dão, que vos seduz.

Finda o sonho. O baile acaba.
Pedra por pedra desaba
O edificio que formaes;
Eis a mentira ridênte
Por verdade impertinente
Amarga e dura trocaes.
A's faces da vossa dama,
Que o rubor já não inflamma,
Vem mórbida a pallidez;
Vêde os labios descórados,
Vêde os encantos fanados,
Vêde a baça côr da tez!

Aquella fronte serena
Candida, como a açucena,
Sulcando uma ruga vem;
C'o sorriso insôso e frio
Palavras que, em desvario;
Lhe escutastes, dizem bem?
Mascaras de cada rosto
No chão caem. Com desgosto
Rasgar vêdes cada veo.
Verdades que o mundo encerra!
Desce a alma, de novo, á terra,
Que da terra fôra ao ceo!

Não sonheis, porque n'um sonho
 Ha um prisma, se risonho,
 Bem mentido; — não sonheis.
 Quanto soffre quem acorda
 Olha, vê, e se recorda
 Do sonho, bem o sabeis!
 Pela verdade escudado
 Acceitae pois, resignado,
 O pouco que a terra der.
 Quem vae, n'um baldado anhelô.
 O calor pedir ao gelo,
 Pedir amor á mulher?!

III

Purpurea rosa que a hastea linda inclina
 Desabrocha, além, só;
 Aos raios nasce de uma luz divina
 E hade tambem ser pó!

As leves folhas que rescendem, bellas,
 O doce perfumar,
 Hade, nas azas, o tufão prendel-as,
 Para longe arrojâr!

Verdade triste, de illusões despida,
 A sina lhe vem ler;
 Assim o nada se succede á vida.
 Segue a morte o viver!

IV

Gloria, risonho phantasma,
 Os loucos caem-te aos pés;
 E, ás vezes, a mente pasma
 De ver, gloria, o nada que és;
 E quantas almas fascinas
 Para in volver nas ruinas
 Imperios, homens, nações!
 A' fé que te dão, intensa,
 Offertas em recompensa
 Tuas se veras lições!

Quantos genios te sonharam,
 E se perderam ahi!
 Que corôas se quebraram,
 E quantos sceptros por ti!
 Napoleão, o guer reiro,
 Pensa já ao mundo inteiro
 Dar do alto do solio a lei...
 Traga-o o abysmo profundo,
 Se era hontem rei do mundo,
 É vassallo hoje de um reil

Impera Cesar na Italia,
 Quer o diadema real;
 Pompeu lhe cede em Pharsália,
 É Cesar sem um rival!
 Cesar, Napoleão, no throno
 Ereis já, eis que do somno
 Vos acordam ; e acordou
 Morreu um entre o senado,
 Zomba do outro a mão do fado,
 Desperta o em Waterloo!

Nasce um robusto talento,
 Vence, em brilho, aos Bernardins,
 Vôa, ingente, o pensamento
 Do impossível aos confins;
 Da patria, que elle amou tanto,
 Lava a deshonra com pranto,
 Exalta o nome em canções:
 E em miseria se consome,
 Morre de sêde e de fome,
 E tem por nome: «Camões.»

A Byron o derradeiro
 Momento, precoce, vem;
 O fulgor d'esse luzeiro
 É já extincto tambem!
 E que aurora lhe raiara!
 E em que sonhos s'engolphara
 Que a verdade dissipou!
 Ao despedir-se da vida,
 Uma saudade sentida
 Nem ao peito lhe assomou!

Fadado para a grandeza
 Vem ao mundo Raphael,
 E das mãos, da natureza
 Arranca o mago pincel!
 Rei—artista na divina
 Mente sonha Fornarina
 E d'uma auréola a cingiu:
 Na tela o sonho desenha,
 E uma vida se despenha,
 E um destino se partiu!...

Não sonheis, que o sonho veda
 A ventura, e não a dá;
 Não subaes, que é triste a queda
 E quem sobe, cairá!
 Hadê a verdade terrivel
 Vir dizer-vos, impassivel,
 O que o mundo em si é:
 E então abate déveras
 Illusões, sonhos, chimeras,
 Só ella fica de pé!

V

Quem sonha não vive. Pois bem; não sonhemos
 Embora rojemos a fronte no pó:
 A luz que nos guia, no sonhó, perdemos
 Verdades que existem, no sonho, esquecemos
 Que surgem mais tarde, severas, sem dó!

Mas dizem: «n'um sonho, sympathica, infinda
 Visão seductora vem na alma brincar,
 Que mente?—qu'importa?—mentira, és tão linda..!»
 Mas foge a mentira no sonho que finda,
 E a todos eu digo não queiram sonhar!

CHORA. RI

Chora, chora, ó minha amada,
Lagrimas perolas são,
Que em teus olhos mais accendem
Mysterios d'esta paixão.

Ri-te, ó anjo, ri—teus labios
Mais formosos são assim,
Ri-te ou chora, se os teus risos,
Se os teus prantos são por mim.

Os teus olhos teem reflexos
De tão doirado fulgor;
E os teus labios dizem tanto
De mil promessas de amor,

Que ou tu chores ou tu rias
Serás sempre o anjo meu
Por quem dou na terra a vida,
E a eternidade no ceu!

Chora ou ri-te, minha amada,
Porque tudo eu amo em ti.
Sem saber se n'este affecto
Me salvei, ou me perdi.

E que m'importa, comtanto
Que tu me queiras por teu?
O ceu sem ti não existe,
Comtigo o inferno é o ceu!

Chora... ri... mas dize, dize
Se os mysterios da paixão
Que m'inspiras, tem um ecco
No teu peito sim ou não?

A VIDA

AOS MEUS AMIGOS L. DE C. E C. B.

I

É árida e triste a vida.
N'um ermo de adusto pó
A creatura perdida
Ao acaso vae e só,
E pára, — e cança, o deserto
É immenso, como incerto
Da jornada o fim que tem;
E pára, e cança, e caminha
Nem a mente lhe adivinha
Para onde vae, d'onde vem!

D'onde vem?—negro mysterio!
Nasce, e vive, e eil-a de pé,
Para onde vae?—ao imperio
Da morte, e não sabe o que é!
E no viver inconstante,
Tem um orgulho gigante,
Julga-se grande, e sorri:
Cede ao poder que a domina,
Vem um raio que a fulmina
E onde sorriu... morre alli!

A vida é árida e triste...
 Incomprehensível que lei
 A cada vivente assiste
 Ou seja mendigo ou rei!
 E exulta o homem; — não sabe
 Que n'elle a força não cabe,
 Que n'elle ha só pequenez?
 Que á menor fadiga cede?
 Que pode morrer á sede
 Do deserto na aridez?!

E exulta; — exultei; — na infancia
 Sorriu-me a aurora, sorri;
 Enebriou-me a fragrancia
 Das flores que amei e vi.
 Que vasto jardim fecundo
 Para mim não era o mundo!
 Que horizonte! qu'illusão!
 De forté que era, innocente,
 Homem, tornei-me impotente,
 Da altura caí no chão!

A mága flor da existencia,
 Folha a folha, s'esfolhou;
 O esmalte perdeu e a essencia;
 Da pobre flor que ficou?!
 Que pungente desengano!
 Vão-se as folhas, vão no oceano
 Supremo o transe passar:
 Mas victimas de qu'impulso?
 No seio do mar convulso
 Quem foi as folhas lançar?

Como o homem é cobardet
 Como é fraco o peito seu!
 Ou se a mente em chammas arde,
 Ou se a tolda espesso veu,
 A fronte a curva e abate
 Fica immovel; — no combate
 Ingente não lutará;
 Não tem o instante de vida
 Para que o braço suicida,
 Diga á vida — « pára já!»

Amigos, tendes' sublime
 Santa a crença no porvir
 Qual a dôr que vos opprime?
 Que magua vos vem pungir?
 Para vós que panorama
 Na phantasia s'ni flamma
 De variadas côres mil!
 Que perfumes tem as flores!
 Que fé viva nos amores!
 Que ancantos n'um ceo de anil!

Sabei que atravez de um prisma
 Vós olhaes, enganador;
 Que quem na ventura scisma,
 Scismará depois na dôr,
 Que todo o sorriso mente,
 Que todo o peito mal — sente;
 Que as trevas seguem a luz,
 Que ha veneno nos carinhos,
 Que cada flor tem espinhos
 E cada alma a sua cruz!

O que val o estudo e a gloria,
 Fumo que em breve se esvae?
 O saber foge e a memoria
 Quando o corpo morre e cae.
 Morre e cae: — no campo vasto
 Aos vermes serve de pasto,
 Vão-lhe as fibras corroer:
 É a vida espedaçada,
 Volve-se a materia ao nada
 E eis como s'extingue um ser!

II

Ai, sêde firmes na crença,
 Que é bom no amor, na virtude
 Crenças ter:
 Mais val que a ironia immensa,
 Que o sorriso acerbo e rude
 Do descrer.

Eu cedo ao peso infinito
 De um viver árido e triste
 E real;
 O meu destino é maldito
 E é o genio que me assiste
 O do mal.

Mas se uma phrase descrida
 Solta em transe da amargura
 A paixão;
 Esquecei-a, que na vida
 Offerta apenas ventura
 A illusão!

NO ALBUM

DA EX.^{ma} S.^a D. M. C. DE C. C. E VASCONCELLOS

Tu fais bien. Vois les cieux lurre,
Vois les astres s'y mirer.
Un instinct là-hautt'attire,
Tu vois Dieu sourire
Moi je vois l'homme pleurer!

VICTOR HUGO

Tu nasceste nas florestas,
E a ser rainha das festas
Vieste do campo, ó flor;
Carecias d'outra palma
Querias ter dentro d'alma
Mais vida, mais luz e amor.

Chegaste: — lembras-te ainda? —
Todas disseram: — «bem vinda
Seja a flor que chega e vem,
Que aroma! que côr! que esmalte!
Sem que uma só graça falte
A's muitas graças que tem!» —

E nos campos tu scismavas.
Com a lua segredavas
Pallida — á noite sem veço;
Era triste a sympathia,
Melancolica a poesia
Que te prendiam ao ceo!

Vivias da intelligencia;
 Querias outra existencia,
 Viver pelo coração;
 E dos teus campos no olvido,
 Vens das festas ao ruido
 Vens do mundo ao turbilhão.

Nos bailes ou nas campinas,
 Aqui ou entre as boninas,
 Quem o preito te negou?
 Quem essa alma ou essa fronte,
 Que abranje um vasto horisonte,
 Conheceu e não pasmou?

Ninguem;—e, ó anjo, perdoa.
 Não vou á tua corôa
 Mais uma rosa enlaçar.
 Não vou, — perdoa— não quero;
 Se eu dos outros nada espero,
 Que hasde de mim esperar?

Um vago canto? que presta?
 E a rosa, se não attesta
 Ser de viçosos rosaes?—
 Ahi fica um nome pobre
 Que o mundo foge, e s'encobre,
 Fica um nome—e nada mais!

Junho de 1854

N'UMA ORGIA

Nos queixumes d'intensa amargura
É a vida bem lento morrer,
Mas qu'importa se a magua não dura,
Se podemos a magua esquecer?
Das feridas que gera a agonia
Pode um balsamo as chagas curar,
E no estrepito immenso da orgia
Ai, comigo aprendei a olvidar!
O qu'importa o passado? — guarida
A' saudade no peito negae
— Eia, amigos, gozemos, que a vida
É um fumo que, em breve, s'esvae!

Quem nos braços do genio emballado
Teve crenças que o mundo cuspiu,
Foi a Deus que, n'um intimo brado,
Pediú fé, mas em vão a pediú;
Que não solte um baldado lamento,
Que não erga seus olhos aos ceus,
Que lhe baste o poder do talento
Por seu norte, seu guia, seu deus!
Se a visão esmorece, perdida
Outras fôrmas mais lindas lhe dae!
— Eia, amigos, gozemos, que a vida
É um fumo que, em breve, s'esvae!

Já soffrestes?— foi longo o martyrio?
 Da d'òr inda ao espectro fugis?
 N'estas horas d'immenso delirio
 Vêdes tudo por prismas gentis!
 Por um beijo que a outrem foi dado
 Morte — d'alma sentistel-a já?
 E' n'um beijo mais longo, scellado
 N'outros labios, que a vida virá!
 A paixão tendes inda incendiada?
 N'outro fogo esse fogo acalmae!
 — Eia, amigos, gozemos, que a vida
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Não evoque, em soluços, as dôres
 De um amor já perdido ninguem,
 Que nós temos mais bellos amores
 Que um aroma lascivo aqui tem;
 Atravez d'esses veos transparentes
 Vêde os seios das damas pulsar,
 E dos olhos, nos raios ardentes
 Os sentidos deixae abraçar!
 Seja acaso a ventura vendida;
 Muito embora! — a ventura comprae!
 — Eia, amigos, gozemos, que a vida
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Se ha traições, se ha enganos completos
 N'estas filhas do louco prazer,
 Não simula tambem os affectos
 A que é santa, a que é pura mulher?
 Mintam pois! — a mentira ridente
 É que esmalta a illusão a sorrir! —
 N'um abraço bem doce, fremente,
 Dão-nos tudo que é justo pedir!!
 Da alegria sem fim, sem medida,
 O segredo ao futuro arrancae!

— Eia, amigos, gozemos, que a vida
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Oh! bordemos de rosas a estrada
 Que nos hade ao sepulchro levar,
 Seja a morte um abysmo do nada,
 Deva acaso outro mundo apontar.
 Nos folgares que, rapido, encerra
 Cada instante que, assim, nos volveu
 Ou o ceo se anticipa na terra,
 Ou do inferno fazemos o ceu!
 Mal s'esfolhe uma rosa pentida,
 Outra rosa, outra flor procurae!

— Eia, amigos, gozemos, que a vida
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Do prazer esta febre aviventa
 Vivifica, se estua talvez,
 E cantemos, que a noite vae lenta,
 Quebre um canto da noite a mudez.
 Quem na lyra gemeu suas dôres
 Seja agora da festa o cantor,
 Que s'inspire no aroma, nas côres
 Dos licores no raro sabor.
 Se uma frente aqui verga abatida
 Com as notas do canto a animae.
 —Eia, amigos, gozemos, que a vida
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Tudo é bello!—o rubi, a esmeralda
 D'essas taças vos finge o crystal,
 De um amor que de lúbrico escalda
 Em mil beijos buscae o signal:
 Tudo é bello! enebriantes perfumes
 Que rescendem, que suaves que são!
 Mais, no brilho se avivam os lumes!
 Mais nas chammas se ateia a paixão!
 Tudo é bello! á existencia volvida
 Tendes a alma, vivei e folgae!
 —Eia, amigo, gozemos, que a vida
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Nos queixumes d'intensa amargura
É a vida bem lento morrer,
Mas qu'importa se a magua não dura,
Se hade ao ruido da festa ceder?
Das feridas que gera a agonia
Logra um balsamo as chagas curar,
E no estrepito immenso da orgia
Todos querem e sabem gozar!
O qu'importa o passado? — guarida
A' ventura no peito offertae
— Eia, amigos, gozemos, que a vida
É um fumo que, em breve, s'esvae!

AO MEU AMIGO FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Tacitum vivit sub pectore vulnus.

Vire.

Quem te olhar um só momento
Talvez te chame—«feliz»—
Não t'escutam um lamento,
Não prostitues o talento
Ao mundo de que te ris,

Chamam-te feliz, e mentem
Cega-os mais uma illusão;
O que tu sentes não sentem,
Não o sabem, e nem tentem
Ir ler-t'ó no coração!

Tu ris-te,—mas no sorriso
Que aos labios te assoma e vem
Pausado, sereno e liso;
Não ha sempre o paraizo,
Existe o inferno tambem!

N'um sorriso qu'ironia
Quantas vezes!—quanto fel
Se é desforço da agonia
D uma alma que se inebria
N'uma vingança cruel!

Tu ris-te: mas foi-te imposto
 Por ti mesmo esse dever;
 Diz o mundo: «ri com gosto!»
 E a mascara que has no rosto
 Todos a olham sem ver!

Poeta, ás crenças mentiram
 Que no peito houveste ahí!
 Já que essas crenças cuspiram
 Tu ris-te porque se riram,
 Quando eras fraco, de ti!

E a turba perpassa estulta
 Não te crê um coração;
 Chama-te feliz, e exulta,
 Ignora que jaz occulta
 Sob um sorriso a paixão;

Não vê peçonha corrupta
 No calice de uma flor;
 Não sabe que a face enxuta
 Revela ás vezes a luta
 Da intelligencia e do amor!

Não lhe abres o cofre santo
 De teus affectos. — A sós
 Para á dôr legar um pranto,
 Para a amor sagrar um canto
 Tens lagrimas e tens voz!

Tens uma crença bem nua
 Do que ás outras crenças vem;
 Mas essa crença é só tua,
 Um profano a desvirtua
 Não a dizes a ninguem.

**E soffres:—o soffrimento
Bem haja que nos prendeu!—
É o elo do sentimento
Que não parte o esquecimento,
Que vigora, se nasceu!**

**Essa dôr se não se acalma;
De malfadada paixão
Se te cabe sempre a palma;
Lembra-te que existe uma alma
Que bem te comprehende, irmão!**

AOS TEUS OLHOS

Tenho medo dos teus olhos
Que são formosos de mais;
São de um leve azul-sereno,
São ardentes, mas fataes.

Tenho medo dos teus olhos
Pelo que d'elles já sei;
Ando de ha muito a buscal-os
E nos meus nunca os achei.

Tenho medo dos teus olhos
Mas embora... mesmo assim
Mente-me n'elles ternura,
Ai, deixa-os fixar em mim.

Que com medo dos teus olhos
Que a tantos fazem tremer,
Por olhal-os mais de perto
Quero de susto morrer

A LOANDA

Sou portuguez e poeta:
Amo-te, Loanda gentil,
Como quem sonhou a meta
De um affecto que val mil.
Amo-té casta e modesta.
Sou poeta e na floresta
Amo a rosa quando attesta
Ser ahi, qual Deus a fez
Erma flor da natureza ;
Amo-te ainda, princeza,
Que és heroina portugueza
E eu tambem sou portuguez!

No mesmo berço repousas
Co' o genio da gloria; e mais
Quem quizer pergunte-o ás lousas
Que aqui são de nossos paes.
Se te disserem: « Lisboa
Cinge, vaidosa, a corôa
De mil gallas se povoa
Por te ver pobre a seus pés... »
És singela não és pobre!—
Mostra que és rica, que és nobre,
Rasga esse veo que te encobre,
Dize-lhe, ó virgem, quem és!

Ser feliz se te não cabe,
 Que não t'insulte ninguém!—
 Dize-lhe que ella bem sabe
 Que tens um throno tambem;
 Dize-lhe que da existencia
 Se já depurou a essencia
 Que pela estrada da sciencia
 Ella e tu dêem as mãos ;
 Que segues os mesmos trilhos,
 Que compartes dos seus brilhos;
 Pois teus filhos são seus filhos
 E todos elles irmãos!

Cá e lá a mesma terra,
 Terras da mesma nação,
 Na paz, nas lides da guerra,
 Um só povo, o mesmo pão.
 Se cá, n'este solo adusto,
 Jaz mais de um heroe augusto;
 Do universo o pasmo e o susto
 Mil heroes jazem alli:
 Cá, de um Salvador Correia
 Parece que inda na areia
 Escorrega, passa, ondeia
 A sombra immortal aqui!

Perdido de amor, ó fada,
Quiz-te o soberbo hollandez,
Tentou deixar-te roubada
Para si, mais de uma vez;
Mas tu, formosura esquíva,
Pisaste-lhe a fronte altiva
Preferiste ser captiva
Dos amores do teu rei,
Do teu amante-soldado,
Portugal enamorado
Que já te havia fadado
Rainha da sua grei.

Se lá no seu occidente
Ao teu bello amante, emfim,
O ceo lhe deu em presente,
Por imperio, almojardim
Em que a lympha que murmura
Um poema de ternura
Se espriguiça na verdura
Que matisa o prado e o val;
Tu, em partilha, tiveste,
N'um virgem torrão agreste,
Este sol que te reveste
Do teu aspecto ideal!

Lê da historia na verdade,
 Vae ler n'ella o teu porvir,
 Vê ahi que um reino hade
 Nascer, ser grande, cair.
 Tu nasceste só, e ainda
 Te não banha a face linda
 Essa luz de luz infinda,
 Que allumia outras nações,
 Mas a fé e o alento cria
 A par da soberania
 Hãode vir-te ao seio um dia
 As mais nobres ambições!

Então os dias felizes!
 Serás tu grande também;
 E filhos d'outros paizes
 Hãode querer-te por mãe!
 Então, ó timida fada,
 Opulenta, coroada
 No teu solio, festejada,
 Ir-te-ha bem nobre altivez!
 Nas gallas, porém, da festa
 Lembra então que um canto attesta
 Que te amou pobre e modesta
 N'este canto um portuguez!

Loanda—1857

O DOIDO

Passei.—O povo na praça
Se apinhava todo alli;
Olha-me a turba devassa,
Echama-me doido, e ri.
Reíniu a gargalhada,
Soturna, fria, pausada,
Perdeu-se ao longe, — pensei
Um momento em mim; — vaidade! —
A' turba lei, por piedade,
O meu desprezo, e passei! —

Porque luctas, sciencia,
Contra o genio? — não venceu
Teus sophismas a verdade
Nos labios de Galileu
E era um doido: — de temença
Alcunhaste a intelligença
Cujo peso t' esmagou;
Não chamaste louco ao Tasso
Por fender n'um vôo o espaço
Que o talento lhe apontou? —

E eu doido; porque, sósinho,
 Não imploro amor, nem dô;
 Firme trilho o meu caminho,
 Mas quero trilhal-o só.
 Ver-me só n'este degredo,
 Não profanar um segredo,
 Nem ir, mendigo servil,
 Pedir gloria;— não careço
 De vender-me pelo preço
 De um sorriso estulto e vil.

Se soffri muito... calei-me,
 Represa ficou a voz;
 No inferno d'alma abrazei-me...
 Mas eu era e a dôr a sós.
 A ninguem pedi a esmola
 De uma lagrîma que rola
 Nas faces por paixão;
 Foram só meus meus gemidos,
 Não quiz ver prostituidos
 Mystérios do coração.

Tantas fui n'esta alma ardente
 Visões lindas conceber!...
 Que desenganar pungente!
 Encontrei uma mulher
 Em vez das visões divinas.
 Colloque-me entre as ruínas
 Do meu passado e o porvir;
 Olheja vida de perto
 Tinha um horisonte incerto,
 Quiz força para reagir;

**E tive-a Da dependencia
 As algemas quebrei eu;
 Nem sequer a esta existencia
 Pedi o influxo do céu,
 Porque uma vez, — não m'esquece —
 Balbuciei uma prece.
 D'angustia soltei um ai,
 Da magua o brado no aneio
 Que não teve ecco no seio
 De um senhor que é Deus... que é paet**

**Ao soffrimento puz termo,
 Suffoquei n'alma as paixões,
 E no peito achei um ermo
 De affectos, de sensações;
 Parti de um golpe as ca deias
 Que me a nciavam; — e nas veias
 Livre o sangue tem calor;
 Encontro-me só, mas forte,
 Salvo o espirito da morte,
 De um marasmo assustador,**

**D'estes hombros n'um momento
 Arrojei ao longe a cruz;
 E pedi ao pensamento
 Em vez das trevas a luz.
 Quiz ver e vi: que não sente
 Ninguem, que a palavra mente
 Que quer dizer — coração —
 É o homem meu inimigo
 E ao que me bradou — amigo —
 Recusei volver-lhe a mão.**

Da mulher á face impura
Que me fallou em amor
Com hypocrita candura,
Com calculado fervor,
Com mentido enthusiasmo,
Cuspi acerbo o sarcasmo;
Forcei-a aos olhos baixar;
E a mulher, e o homem vingaram
Tamanha affronta, e bradaram:
«Deixem o doido passar!»

O doido passa;—não venha
Ser-lhe d'estorvo ninguem.
N'um abysmo se despenha
Rindo ao mal e rindo ao bem?
Que vos importa, se expande
Sua alma assim?—se elle é grande
Porque em si é grande a fé;
Se vós tremeis por bem pouco...
Porém vêdes sempre o louco
Firme, impassivel, de pé!

POR TI

Vivo; vivo:— estou vivo, querida,
N'este peito que morto senti,
Brot a força da seiva, da vida
Com que eu vivo, ó meu anjo, por ti.

Ai, de ti me partiu nova essencia,
Tanto alento de novo me vem,
Que nem morro, me finda a existencia
Senão quando morreres tambem.

Este amor é que o sangue me aquece,
Só, tu morta, se fina este amor
Como a luz sem o sol s'esvaece,
Como o aroma s'extingue co'a flor.

Nem este elo se parte, querida,
Que no peito que morto senti,
Brot a força da seiva, da vida
Com que eu vivo, ó meu anjo, por ti.

Já, na infancia, de sonhos formosos
Esta mente por ti povoei,
Quem me dera a innocencia dos gozos
Que, contigo sonhando, gozei!

Foi por ti que mais tarde, sem tino,
Te deixei soletrar a paixão
Que a teu ser me prendia o destino,
Que a teu ser me algemava a razão!

Quando um dia aos meus sonhos afeito
Do lethargo senti-me acordar,
E que disse ao meu peito: «meu peito,
Porque luctas, não cessas de a amar?»

E que disse ao amor: «porque, pobre,
N'essas chammias estuas aqui?»
E que pude abafal-o tão nobre...
Foi ainda, meu anjo, por ti!

Oh! que foi;—que eu bem vi que m'iria
Ao abysmo a arrastar-te uma vez;
E eu apenas amar te podia,
Que provar-t'ó... nem isso talvez!

Foi por ti que do vicio os segredos,
Fundo olvido a buscar, penetrei,
Das orgias nos ebrios folguedos
Foi por ti que de ti me olvidei.

Quantas horas de dôr insoffrida
N'um viver d'esperanças tão nul
Porém sempre o sonhar de outra vida,
E tu sempre nos sonhos, só tu!

Se hoje alento meu seio recobra
N'este amor em que já renasci,
Ai, é tua, contempla esta obra,
Porque eu vivo, ó meu anjo, por ti.

Sempre, oh! sempre. — Este amor não fenece,
Só, tu morta, s'extingue este amor
Como a luz sem o sol s'esvaece,
Como o aroma s'extingue co'a flor!

A CAÇADA DO 'DIABO

BALLADA

A THOMAZ RIBEIRO

I

O; moço conde, Lourenço
Amava a bella Clotilde,
Que não era a flor humilde
Que desponta em ermo val;
Mas a rosa festejada
Altiua, feliz, rainha,
A cuja vista definha
D'inveja qualquer rival.

Se Clotilde amava o conde?!
Não havia em toda a Hespanha
Typo de graça tamanha
Tão varonil e loução;
Dotado de esforço raro,
Em partes de gentileza,
Nunca dera a natureza
A ninguem maior condão.

Amavam-se os dois. A infancia
 Fôra-lhes larga promessa
 Que mal no berço começa
 E attenta já no porvir:
 Perenne festa innocente,
 Manhã sem nuvem sombria
 Por luz o sol da alegria,
 De noite um sonho a sorrir !

Cresceram juntos. A idade
 Não lhes deu um novo affecto,
 Porém tornou mais completo
 O que em si nutriam já ;
 Veiu a esperança dourada,
 O estremecer do desejo
 Das imagens o cortejo,
 Que o prisma do amor só dá.

Jovens, ricos, livres ambos,
 Porque retardar o enlace
 Que em realidade tornasse
 O aspirar de tanto amor ?
 Pois, nos jardins da existencia,
 Não é suprema loucura
 Sentir, palpar a ventura
 E não lhe colher a flor ?

Mas n'esses tempos ditosos
 Da antiga cavallaria,
 Quadra d'heroica poesia,
 Vasta epopeia immortal ;
 Só resplendia a corôa
 A que os louros do combate
 Punham o bello remate
 Que da gloria era 'o signal.

Por isso o conde a Clotilde
 Dizia: — «longe o receio.
 Porque franqueias o seio
 A' tristeza em que te achei?
 São dois annos; — breve passam —
 E apoz a nobre fadiga
 Das victorias, eu, amiga,
 A teus braços volverei.

«Coras? tremes? são ciumes?
 Apaga-os no extremo abraço,
 Que eu não levo n'alma espaço
 Para dar a mais ninguem.
 Soluças? choras? tens medo?
 Emquanto vivas, querida,
 Se me fica em ti a vida,
 Sabe que eu vivo tambem!»

E ella respondia: — «parte,
 Fica illeso o sentimento;
 Perdoa tu um momento
 De fraqueza, curto foi;
 Pedirá, durante a ausencia
 Em que é tudo escuridade,
 Um riso á sua saudade
 A que é noiva de um heroe!

«Quando das noites a aragem
 Te chegar em sons ignotos
 Recorda os ardentes votos
 Do teu, do meu coração:
 E emquanto ceifas as palmas
 De lidador extremado,
 O vestido do noivado
 Bordarei por minha mão!»

Depois um longo suspiro
 Em que os labios se juntaram,
 E o só beijo que roubaram
 Ao futuro alli se ouviu ;
 Ella ficou-se enlevada
 A fronte meio pendida ;
 Elle o adeus da despedida
 Balbuciou e partiu !

II

Findaram dois annos. Ao conde Lourenço
 Coroaram triumphos em cada paiz ;
 Das lides porfiadas no estrepito immenso
 Sellou-se-lhe a gloria dos feitos gentis.

Passára nas guerras tal rapido o raio,
 Vencera qual vence soberbo o leão,
 Que espalha terrores, que leva o desmaio
 Aos peitos mais fortes que adversos lhe são.

Das terras que andára correrá aos torneios,
 Os brios na liça lhe foram fieis ;
 As damas tentaram, nos magos enleios
 Prender-lhe os affectos ao dar-lhe os laureis.

Vaidosas princezas, salvando o recato,
 Pediram, esposas, premiar-lhe o valor ;
 Mas elle só tinha na mente um retrato,
 Nos labios um nome, no peito um amor.

Da bella Clotilde saudosa lembrança,
 Banhada em perfumes, radiante de luz,
 Não riscam promessas de nova esperança ;
 O brilho das côrtes nem mesmo o seduz !

Findaram dois annos da ausencia o desgosto.
 O conde resolve volver ao solar,
 Mas passam-lhe ás vezes, sombrios, no rosto
 Reflexos presagos de um grande pezar.

Quem sabe o que fôra? da vida quem sonda
 No oceano revolto, seguro, atravez?
 Nos vagos rumores, na espuma da onda,
 Que maguas se occultam, que abysmos talvez!

O conde partira; — marchára; bem perto
 As terras formosas da patria já tem;
 E o olhar indeciso divaga-lhe incerto,
 Revela tristezas, mysterios contém!

Os pagens o seguem. Na noite marcada
 Ao termo anhelado da viagem por fim,
 Um vulto destaca das sombras da estrada
 Das redeas lhe trava, fallando-lhe assim:

«Despede os teus pagens; envia-os depressa!
 Dizer que és chegado, não tardas em ir;
 Cumpri, não ignoras, a minha promessa;
 É bem que te lembres de a tua cumprir!

III

Fôra o caso Dias antes
 De se ir a terras estranhas,
 Vivia em luctas tamanhas
 Do moço conde o pensar,
 Que uma noite em que saíra
 Pelas devezas, sósinho,
 Se transviára no caminho
 E alli ficára a scismar.

«Vou-me ao longe a buscar gloria,
 Quantos a buscam debalde!
 Porque uma fronte engrinalde
 Muitas se rojam no pô,
 Voltarei? — voltando, acaso
 Será Clotilde partida,
 E ter-lhe-ha fugido a vida
 Por se ver e sentir só?

«Depois... é leviano o affecto
 Que a mulher concebe e sente,
 O protesto mais ardente
 Quantas vezes esqueceu!
 D'encontro á duvida amarga
 Vejo abalar-se a firmeza.
 Quem me dera uma certeza»
 — «A certeza dou-t'a eu!»—

Lourenço estremece. Immovel,
 Distingue, contempla, encara
 O que, por forma tão rara,
 Seu cogitar perturbou.
 Era uma visão apenas
 Que os sentidos lhe feria
 O ente que assim respondia
 Ao que tão baixo fallou?

Não era; e eis logo prosegue:
 — «Da guerra terás os louros,
 E terás os mais thesouros
 Que tu invejes tambem;
 Acharás, na volta, a amante
 Fiel á fé promettida;
 Dar-te-hei cem annos de vida,
 Dar-lhe-hei a ella outros cem.

«Dos teus menores desejos
Realisarei o segredo,
De pedir nem hajas medo
Tudo quanto te seduz ;
Só em troca na hora extrema
Que minha tua alma seja ;
E que enquanto te proteja
Te esqueça o signal da cruz !

«Queres ?» Ao conde a surpresa
Deu treguas ; fugiu-lhe o susto,
E no espirito robusto
Se apagam receios seus ;
Pensou comsigo: «esta offerta
Tenta bem ; doura-me a vida.
E d'esta na despedida
Posso abraçar-me com Deus !»

«Queres ?»--«Quero.» —«Juras?»-«Juro».
Mas no seio o que passára
Do conde não escapára
Do outro ao mais profundo olhar ;
E n'um sorriso sinistro
Ajuntou: — «não me retracto .
Para firmar este pacto
Hasde commigo caçar.

«Dos paizes que percorras
Será só ao teu regresso,
Porque vejas que o começo
D'esta jura já cumpri !»
Disse ; e, como apparecera,
Desappareceu ; no espaço
Que occupára, nem um traço
Lhe attestára a vinda alli.

Na volta do conde, exacto,
 A' caçada o convidava,
 Fôra-lhe a promessa escrava
 Era a sua vez de senhor.
 «Despede, pois, os teus pagens
 Se não has do medo o abalo,
 Monta, n'est'outro cavallo
 Que é mais forte corredor!»

IV

«Galopa, a galope! Descobre a floresta,
 Que peças de caça nós vamos matar!
 É hora propicia, prepara-te á festa
 Da noite é nas trevas que eu uso caçar!»

Que immenso tumulto! — tropel inaudito
 De mil invisíveis cavallos se ouviu;
 As vozes do inferno confunde-as um grito,
 Tremendo, horroroso, no espaço subiu!

«Galopa, a galope!» Dos cães os latidos
 Se juntam das aves da morte ao piar;
 Da terra as entranhas exhalam gemidos,
 As danças de espectros se agrupam no ar!

O côro soturno de atroz gargalhada
 Dos anjos perdidos simelha o trovão;
 Sanguentos sudarios se estendem na estrada,
 Abyssos profundos se cavam no chão!

«Galopa, a galope!» Do vento as lufadas
 Contorcem-se os troncos que vão estalar;
 Enxergam-se as rezes, no matto lançadas,
 Quaes monstros informes correr e passar.

Despenham-se ao longe ruidosas torrentes
 Que ameaçam o solo de um salto invadir ;
 De nova tormenta nos hymnos plangentes
 Que lugubres notas se fazem sentir !

«Galopa, a galope!»—Durava... durava
 A longa caçada, não pode parar;
 E o conde, tremendo, cançava... cançava
 Na louca vertigem de tal galopar!

Rescendem no ambiente nauseantes perfumes
 Que o antro da morte sómente produz,
 Accendem-se, perto, satanicos lumes,
 Os raios se cruzam de livida luz.

«Galopa, a galope!»—Qu'ingente delirio!
 O termo á corrida não hade chegar?
 Ao conde, na frente curvada ao martyrio,
 Gelados suores em fio a manar!

Um breve descanso nem mesmo pedia,
 C'ó negro destino sentia-se a sós,
 Phantasma impellido, corria... corria
 Cadaver sem gestos, estatua sem voz!

«Galopa, a galope!»—Na furia redobra
 O negro cavallo, não sabe cançar;
 Alentos na propria fadiga recobra
 Os pés sobre a areia sem quasi pousar,

Funesta promessa!—tres vezes maldito
 Aquelle que as juras ligaram assim!
 Qu'immensa floresta!—qu'espaco infinito!
 Que doida carreira!—que noite sem fim!

«Galopa, a galope!» repetem as penhas,
 E o conde seguindo... seguindo a caçar;
 Descera as encostas, galgára as montanhas,
 Librado nas azas do arrojo sem par!

Findara o encanto; quebrou-se o mysterio.
 Os eccos o canto do gallo acordou
 Em sons estridentes, e o manto funereo
 Das sombras esvae-se, que o dia raiou!

«Galopa, a galope!» de forças exausto
 O conde inda o brado parece escutar;
 Mas soffrego aspira das auras um hausto,
 E ás veias o sangue percebe voltar.

V

Trepa emfim o extremo outeiro,
 Chega o conde ao seu castello;
 Mas de avistal-o, de vêl-o
 O assombro n'alma sentiu:
 Cobre o musgo a cantaria,
 No fosso a ponte quebrada,
 Allue-se em parte a fachada,
 Uma torre já caiu!

«Pastor, do conde Lourenço
 O castello não é este?»
 —«É, senhor.» — «Onde nasceste?»
 «É d'esta aldeia que eu sou.»
 «E o moço pagem Velasques?»
 Inquire inda o conde absorto.
 —«Ha quantos annos é morto!
 Era o pagem meu avô.» —

O conde hesita, vacilla,
 Ao muro s'encosta um pouco,
 Sente passar-lhe do louco
 Pela mente o denso veu:
 «E Clotilde vive ainda?»
 — «Arrasta a vida, coitada,
 Habita a sala doirada
 Desde que a razão perdeu!» —

Sobe o conde: — em ruina a escada,
 Chega á porta; bate, insiste...
 Uma voz rouquenha e triste
 Geme dentro uma canção:
 «Chega emfim; quero mostrar-te,
 Meu lidador extremado,
 O vestido do noivado
 Que bordei por minha mão.»

Cede a porta; era uma velha
 Na dobadura dobava;
 Mal no conde os olhos crava
 Se deixa morta cair.
 Era Clotilde, a formosa,
 Tinha alli perto dobrado
 O vestido do noivado
 Que não chegára a vestir.

«Quero ver-me ao meu espelho.
 Devo tambem ter mudado.»
 Mas viu o rosto rosado,
 E branca, e macia a tez.
 E o conde de persignar-se;
 E apenas assim fazia,
 Uma ruga apparecia
 Sobre a face d'esta vez!

Os cabellos lhe embranquecem
No olhar a vista esmorece,
Todo o vigor lhe fallece
Nos convulsos membros seus:
«Oh! maldito o anjo das trevas,
E o imprudente juramento!
Possa do eterno tormento
Ao menos livrar-me Deus!»

VI

Sabidas as contas, o diabo á caçada
Votara cem annos, sem nunca parar;
Cumprindo a promessa que fôra jurada
Do engano do conde se soube vingar!

Janeiro—1864

DESALENTO

--

Porque morres, minha vida?
Porque te sentes morrer?
Porque te vergas, pendida?
Porque te deixas pender?
Porque morres ~~minha~~ vida?

Meu amor, porque fugiste?
Onde existes, meu amor?
Porque ao chão t'inclinas triste,
Porque murchas, pobre flor?
Meu amor, porque fugiste?

A existencia é porventura
Este continuo soffrer?
Sem um raio de ventura,
Sem uma hora de prazer,
A existencia é porventura?

Ai, que dôr! ai, que saudade
De um passado que s'esvae!
Mas revivel-o quem hade?
Mas dar-lhe alento quem vae?
Ai que dôr! ai que saudade!

Emmudece, minha lyra,
Jaz bem morta a vida em mim:
Não aneia, não suspira,
Não ama, não vive em fim.
Emmudece, minha lyra!

1856

NO ALBUM

DA EX.^{ma} SR.^a D. M. C. D. R. NAZARETH

Eu quizera n'esta folha,
Na folha branca, de neve,
Singelo canto e o meu nome
Ir traçar co'a dehil mão.
Um receio me consome:
Quem me diz a mim se a penna
Mancha a folha e não escreve,
Se o poeta se condemna
Ao fugir-lhe a inspiração,
E desprende um canto breve,
Triste, frio, sem que o anime
Uma nota de harmonia,
Um só raio de paixão?
Fôra mais que um erro, um crime!
Ir um hymno sem cadencia,
Sem encantos da poesia,
Offertar-te... eu não o devo;
E o socego da consciencia,
O remanso, a quietação
A minha alma ha tanto anela...
Que escrever?— eu não escrevo
N'este teu livro, donzella,
Não posso— não,

Depois... eu tenho soffrido
 Mas tanto, mas tantas dôres...
 E o fructo dos meus amores
 Foi, virgem, tão amargoso;
 E comprei tão caro um gozo
 Que gozei; e ainda me vão
 Tão profundas as feridas
 Que este peito me hão rasgado
 Nas luctas de uma paixão;
 E levo já tão perdidas
 As illusões do passado;
 E foi tão intenso o gelo
 Que veio assentar-se, frio,
 Sobre as ruínas de um vulcão
 Que houve em mim; e o desvario,
 Com que eu buscava um anhelô
 Para outra alma, acabou cedo
 Mas tanto... que tenho medo
 De dizer-te quanto sinto.
 É facil do labio impuro
 Resaltar descrida phrase
 Triste, amarga como o absyntho
 Que ao desespero se case
 Em que vivo, e vá turbar-te
 A paz do teu coração;
 Posso, sem querer, manchar-te
 O crystal limpido e puro
 Da tua maga existencia,
 E eu bem vejo que o não devo:
 E o socego da consciencia,
 O remanso, a quietação
 A minha alma, ha tanto anhela,
 Que escrever?... eu não escrevo
 N'este teu livro, donzella,
 Não posso—não,

Como o homem se desmente!
Pois não fui tão imprudente
Que tracei, co'a debil mão,
Singelo canto e o meu nome
Na folha d'este teu livro!
E o receio que consome,
Que eu dissera, — tanto opprime,
E o socego da consciencia,
O remanso, a quietação
Que a minha alma, ha tanto anhella,
Que eu invocara, onde estão?
Commetti talvez um crime:
Foi erro da intelligencia;
Valha-me, ao menos, donzella,
O teu perdão. —

AO MAR

EM VIAGEM DEPOIS DE MUITOS DIAS DE CALMA

*Para ser recitada n'um theatro da marinhagem
a bordo da fragata D. Fernando*

A. S. COSTA

Não tem toda a natureza,
Não ha na terra, no ar,
Este cunho de grandeza
Que Deus estampou no mar!
Foi o meu amor primeiro;
E, poeta—marinheiro,
Devo ao mar uma canção,
Mal que um receio me opprima
De que possa ser a rima
Infiel á inspiração!

Eia pois :— ó mar gigante,
 És grandioso como o ceu,
 Quando sacodes, possante,
 Nobre e altivo o collo teu,
 E mais quando... — Aqui tropeço...
 Não vae bom este começo,
 N'outra parte isto já vi ;
 Forte coisa é o plagiato !
 Marinheiro-litterato
 Da moda ao uso cedi !

Eu amo o indomito oceano
 Que s'espriguiça a meus pés,
 Que me cinge o barco ufano
 Desde a pôpa ao gorupez ;
 Como adoro o lyrio bello
 Que desponta... — Isto é singelo,
 Mal comparado tambem:
 Pede mais o assumpto grave,
 E se não mudar de clave
 Não me fica a ode bem !

Eu folgo ao ver a procella
 No abysmo a fragata erguer,
 Gemendo, romper-lhe a vela,
 Rugindo a ameaçar sorver ;
 Depois... na lucta fremente...
 —Nada; o canto é imprudente
 Póde ser agouro assim,
 E, sem mastros, ir a pique
 O navio, ou Moçambique
 Ter de ver, de novo, emfim !

O mar que em suave bonança
 O azul reflecte dos ceus,
 É o leão que descança
 N'um somno digno de um Deus!
 —Mas aqui parte-se-me a alma
 Que, ha tantos dias, em calma,
 Cantar a calma não sei;
 E, á força de calmaria,
 A musa, o estro, a poesia
 Para a calma, em calma achei!

Quando a brisa susurrante
 Vem todo a panno infunar,
 E sobre a vaga espumante
 Faz o navio passar
 Tão veloz...—Ai, que isto é petal
 Tocou a descrença a meta,
 Que tal brisa já não ha!
 É engano em qu'inda lucto;
 Morreu a brisa e de luto
 Em sua casa o vento está!

Quem os mysterios sondara
 Que as vagas contém em si!
 Quem estudal-os lograra,
 Que cantos fizera ahi!
 Mas fôra empresa—colosso
 E eu estou fraco, e não posso,
 Torturo o espirito em vão
 Não firmarei a epopeia
 Nos dominios da baleia,
 No imperio do tubarão!

Para que dos elementos
 Tentasse cantar o rei,
 Não vi accordes accentos,
 Rebelde a lyra encontrei;
 Que isto de viajar parado,
 N'um lago immenso estanhado,
 Faz nascer fundo turpor
 Em que a consciencia adormece,
 E de tudo o mais s'esquece
 A sonhar c'um bom vapor!

Na apathia, no marasmo,
 Em que a vida não reluz,
 Gelar-se sente o enthusiasmo
 Que vivifica e seduz.
 Não ha já mais noites bellas,
 Não ha brilho nas estrellas,
 Nem o sol, nem o luar
 Alentam o sentimento;
 A poesia é movimento
 Como, sem elle poetar?

E eu bem sei que a natureza
 Não tem na terra, no ar,
 Este cunho de grandeza
 Que Deus estampou no mar!
 Mais bellezas nada encerra,
 E quando eu chegar a terra
 Do mar bem longe, — antes não, —
 Prestar-lhe-hei toda a homenagem
 De respeito e vassallagem
 N'uma seutida canção!

No mar, março — 1863

ADEUS A LISBOA

Adeus, Lisboa, adeus; mira-te embora
Nas aguas d'esse Tejo, todo amores,
Que eu por ti de saudade immensa agora
Nos olhos levo o pranto e n'alma as dôres!

E vou deixar de ver-te a maga fronto,
E vou teus ceus trocar por outros ceus;
E mal posso ao perder-te no horizonte
Dizer-te ainda adeus, rainha, adeus!

Que dôr! mal sabes tu que dôr é esta!
Em que espelho infernal se não rterata,
Que em lagrimas contada as faces cresta,
E no peito represa aneia e mata!

E soffro-a eu assim: — e cresce ainda,
São mil dôres profundas n'uma dôr;
Porque n'esta hora de tortura infinda
Eu perco mil amores n'um amor!

A paixão, a esperança, a luz, a crença
Eu sinto me abandonam já, querida,
Porque n'esta hora de agonia intensa
Lego, ao deixar-te, no teu seio a vida!

E tudo, ai, tudo ahi te fica, encerra
 Teu nome as mil venturas que sonhei,
 Que eu nada quero mais de toda a terra,
 Que do resto do mundo eu nada sei!

E longe, longe... vivirei, amiga,
 De um triste recordar que me has deixado,
 Vago reflexo de uma luz antiga,
 Ultimo alento de um viver magoadol

Morrer?! não posso, que heide vir um dia,
 E em teus braços, contigo, delirar,
 Aspirando um futuro de poesia
 De um passado de angustias despertar ;

Pedir que um raio teu, candida estrella,
 Quasi—extincto fanal d'esta alma avive,
 E perguntar-te então: que é feito d'ella,
 Se é morta para mim, se por mim vive!

E heide em ti reviver que sem conforto
 Eu vou teus ceus trocar por outros ceus;
 Sentindo apenas qu'inda não sou morto
 Por dizer-te, rainha, adeus, adeus!

No mar

REGRESSO

A saudade não mata. De ha muito
Eu a vida extinguir-se sentira,
Já de ha muito estalara esta lyra
Se matassem saudades de amor.
A saudade, sósinha, no peito
Não se aninha ;—acompanha-a a esperança
Se uma vela, a outra vela e alcança
Temperar com sorrisos a dôr.

Chego emfim.—Não é sonho, meu anjo,
Já teu ser eu presinto de perto,
Já vae longe esse immenso deserto
D'essas costas longiquas de além!
Chego emfim;— e ainda sangram feridas
Que me anciaram nos dias de luto;
Mas é pago o funesto tributo,
E ha já flores n'esta alma tambem!

Oh! bem haja a esperança celeste,
Casta filha de branca roupagem
Que meus sonhos povoava da imagem
De teu rosto sereno e gentil;
Era a suave expressão da fé pura
Apontando o porvir tão querido,
Alastrando-me o espaço vencido
Dos perfumes das rosas de abril!

Chego emfim: — eis-me pois; e da ausencia
 Vae findar o insoffrido tormento;
 Vae chegar o anhelado momento
 De estreitar-te nos braços emfim,
 E talvez o luar melancolico
 Que esta noite d'encanto esclarece,
 Que t'inspire tambem uma prece
 Ou um canto sentido por mim.

Talvez—sim—nossas almas fadadas
 As confunda uma só harmonia,
 Se no seio as uniu sympathia
 Invencivel que existe entre nós:
 Que nas almas que assim se comprehendem
 Uma da outra é a parte mais cara;
 A distancia nem mesmo as separa,
 Não as deixa o amor nunca a sós.

E se acaso não fôra este laço
 Mysteroso que assim nos estreita,
 Não seria a esperança desfeita
 Já d'encontro a tão longo penar?!
 Tantos annos na duvida extinctos
 Não soffrera um só peito a anciedade
 Se outro peito não fôra a metade
 Em partilha sublime implorar!

Chego emfim: — e, ao chegar, a alegria
 Da tristeza respira o perfume,
 Que o passado e o presente resume
 Este instante de santo prazer;
 E eu não sei se o futuro, meu anjo,
 Este affecto innocente condemna,
 E se a angustia que a vida envenena
 Para nós hade ainda volver?!

E qu'importa?—na terrá, a ventura
Se não coube a este amor... que lhe reste
De grandeza o seu cunho que atteste
Que em soffrer fomos grandes tambem.
Se o martyrio por fim nos aguarda...
Bem que a vida mais grata nos foſse
Será inda bem suave, bem doce
Ver que a morte a um tempo nos vem!

Porém lugubre cesse o receio!
Longe, longe a oppressora lembrança!
Mais se avive o calor da esperanza,
Mais a crença te anime e a mim!
Que por ora ha só galas de festa
Que, esquecido o passado tormento,
Vae chegar o anhelado momento
De estreitar-te nos braços emfim!

Abril—1863

UMA LAGRIMA NO TUMULO DE ***

Ai, quem julgara, querida,
Que da partida o adeus
Era deixar-te na terra
Para só te achar nos ceus?!

Quem pensara, ao ver-te a fronte
Em tanta luz embebida,
No crepusculo da noite
E não na manhã da vida?

Quem dissera que do mundo
Te roubaria tão cedo
O archanjo da morte pallida
E te levara em segredo?

Que teu olhar doce e suave
Mal o mundo apercebia,
E que espaços infinitos
De outros mundos antevia?

Que essas auras, que os cabellos
Meigamente te afagavam,
Eram sopros, eram vozes
Que para o ceu te chamavam?

Que o teu corpo cuja seiva
 Nas faces transparecia
 Em vez de cingir-se á vida
 Para o sepulchro pendia?

Que essa voz cuja harmonia
 Em tantos sons tu me deste,
 Não era um canto da terra
 Mas sim um hymno celeste?

E que, ao regresso, coitado,
 Proferindo o nome teu,
 Só respondera um soluço
 E uma palavra: «morreu!»

Ai, que é triste; e eu blasphemara
 N'um paroxismo de dôr
 Se não soubera que existes
 No regaço do Senhor.

Remontaste á tua essencia,
 A' tua patria, e bem hade
 Proteger a tua imagem
 A minha humilde saudade.

Não é insulto; é tristeza
 De me ver assim mesquinho
 Sem o sol d'essa amizade
 Que me apontava o caminho!

Mas eu sei que lá és viva;
E lá, no eterno esplendor,
Sê tu ao nauta perdido
Quasi dos parçeis á flôr,
A esperança, a luz, a crença,
O anjo do divino amor.

1863

DESPEDIDA

RECITADA NO THEATRO ACADEMICO
POR OCCASIÃO
DA FORMATURA DE ALGUNS CONTEMPORANEOS AMIGOS

No alvorecer da vida, ainda na infancia
Sonhei mil sonhos de visões formosas;
Sonhei que se alastrava, entre perfumes,
Da vida a estrada de jasmims e rosas.

Sonhei que nos jardins d'esta existencia
Nunca o martyrio colheria aqui,
Nem a negra corôa dos espinhos
Que um dia á frente a enlaçar-se eu vi.

E nas lides do estudo, enas da sciencia
Sonhei ter ganho verdejante a palma;
Na gloria acreditei: na do talento
Que as pulsações lhe presentia na alma.

Sonhei amores, castos uns, tão puros
Que eram imagem de um amor do ceu;
Outros, na mente estuando em vivas chammas,
Febris, immensos, desenhei-os eu.

Em sonhos, no banquete da alegria
 Sentei-me e a crença se assentou comigo:
 Cada labio alli falla de amizade,
 Cada conviva estende a mão de amigo.

Sonhei. O sonho extingue a realidade;
 As folhas leva o turbilhão á flor,
 O dia apaga o brilho das estrellas,
 A fé succumbe sobre o altar da dôr!

—

É a vida triste e curta.
 E as horas rapidas vão;
 E cada hora passa e furta
 Uma crença, uma illusão.
 Da vida fatal problema
 Em que hoje soffre e blasphema
 O que hontem riu e cantou,
 Em que o côro de uma orgia
 Entre os brados da agonia
 Ao mesmo espaço voou!

Ai, meus dias d'innocencia!
 Ai meus sonhos que perdi!
 Não pagam oiro nem sciencia
 Gozos que n'elles bebi!
 Cada dia é mais um laço
 Que se parte, e a cada passo
 Ha na vida a decepção;
 É martyrio o sentimento,
 A intelligencia um tormento,
 Um inferno o coração!

Um inferno?—e não—quem sabe?
 É d'esta dôr o pungir
 Que no peito me não cabe,
 Vem dos labios a sair;
 E' que o sonho, o só querido
 Em que acordado hei vivido
 Morre n'esta hora fatal :
 Era o culto da amizade
 De que só resta a saudade
 Por padrão e por fanal!

Amigos sonhado havia,
 Achei-os, perco-os emfim;
 Prender-nos a sympathia
 E vêl-os partir assim...
 E dias tão bem vividos,
 E mil gozos compartidos
 De que, amigos, vos lembraes;
 E esse tempo tão saudoso,
 Esse passado formoso
 Não reviver nunca mais!

É triste, meu Deus, e custa
 Tanto esta dôr a soffrer,
 Que se a affeição é robusta
 Ai, que mais custa a esquecer!
 Coragem! — seguis o trilho
 Da estrada d'immenso brilho,
 A gloria espera por vós;
 E devera do futuro
 Que tendes radiante e puro
 Fallar-vos só esta voz!

Meus irmãos, partis, qu'importa
Se era fatal o partir?
Não fique a esperança morta
De mais risonho porvir.
Comnosco fica a lembrança
De um affecto que não cança,
Levae comvosco essa flor;
É triste; mas tem encantos,
Que ha doçura n'estes prantos,
Que ha prazeres n'esta dôr!

1855

A UMA CREANÇA

Do sofrimento, innocente,
Inda não provaste o fel;
Da existencia na corrente,
Te deslizas docemente
Fragil, formoso baixel.

A historia dos desenganos
Inda a razão t'a não diz,
Nas azas dos teus seis annos,
Folgas em ledos enganos,
Vôas ao ceo, e sorris.

A dôr inda não te alcança
Tens a dôr por sombra vã;
Dormes junto da esperança,
Mas o despertar, creança?
Serás homem amanhã!

Viveras mais um momento
Da innocencia, tenra flor,
Nada te fôra o tormento
Se co'a palma do talento
Te não marcara o Senhor.

Fatal dom da intelligencia
E' esse que em ti nasceu;
Bebe no pranto a existencia,
Tem martyrios por essencia,
Soffre o inferno e sonha o ceu!

Ai, creança, é triste a sina
Que na terra hasde cumprir.
Nem um raio t'illumina
Além da espessa neblina
Que te aguarda no porvir.

É bem negra a prophesia
Mas, como vives, vivi;
Foi-se depois a alegria
E nas ancias da agonia
Como hasde morrer morri.

Da angustia no torvo abysmo
A existencia perdi já,
Foi da dôr n'um paroxismo
Que encontrei o galvanismo
Que a vida ao corpo me dá!

Mas ao olhar-te, innocente,
Descuidoso assim do mal,
Pungiu-me o ver-te contente
Caminhar tão ledamente
D'encontro á sorte fatal!

MORRER ?!

DEPOIS DA LEITURA DE UMA MIMOSA POESIA
DA EX.^{ma} SR.^a D. JULIA DE GUSMÃO, INTITULADA :

Desejo a morte

Morrer desejas? que loucura! acaso
Se apura a vida no fatal chrysol?
Deseja a estrella porventura o occaso?
Anhela as trevas porventura o sol?

Mal o perfume da existencia aspira
Tua alma, e sente afadigar-se cá?!
Um canto apenas te desprende a lyra
E quer calar-se no sepulchro já?!

Morrer, donzella, não sonhada, ignota,
Deixando a lingua que se aprende a amar?
Morrer, poetisa, na primeira nota
Do hymno em flor que deverás cantar?

Morrer?—não sabes que esse *atroz desterro*
Promessas guarda de valor a ti?
Morrer?—blasphemias!—é um crime o erro
Que um anjo faz a duvidar de si!

Bem que teu corpo no recinto exista
 Onde dos homens não penetra a voz;
 Teu nome ajunta a providencia á lista
 Dos que o futuro conquistaram sós.

Morrer, mentindo á missão augusta
 De erguer os cantos que t'inspira Deus?
 Negar a frente em que se a palma ajusta
 Que aos vates mandam de presente os ceus?

Morrer?!—morrer?! e nem, ao menos, pensas
 Talvez não sejas, como crês, tão só;
 Comtigo arrastes de alguém mais as crenças
 E queres tudo sepultar no pó?!

Porque, isolada, tens ahí vivido
 Julgas tu sempre caminhar assim?!
 Não que o destino tem de ser partido,
 E hade ir o mundo demandar-te emfim!

E então, rainha, do prazer cercada,
 A's turbas hasde tuas leis impôr;
 E a offrenda d'alma, por amor sagrada,
 Irão os genios a teus pés depôr.

E então lá quando eu divisar brilhante
 A face tua a irradiar paixão;
 N'esse supremo, bemfadado instante
 E' bem que a morte eu a supplique então.

Que então, ao ver-te enamorada e linda,
 Sem que o meu nome já te lembre, ó flor;
 Por ti só resta succumbir ainda,
 Morrer, no olvido, de alegria e dôr!

Julho de 1863

ÉS TRISTE

E's triste: E's linda. A tristeza,
N'essa face debuxada,
Tem os traços mysteriosos
Da belleza de uma fada.
Oh! que és triste quando, ao peito
A meiga face inclinada,
Como que timida escutas
A voz de pungentes luctas
Que em intimo arfar se expande!
Oh! que és linda quando, ao grande
Desalento que tens n'alma,
Te brotam, em doce calma,
Essas tão sentidas lagrimas,
Perolas mimosas, bellas,
Que veem, s'escoam e passam,
E se t'imbebem no seio,
Como se houveras receio
De perder alguma d'ellas!
Oh! que és linda porque és triste!
Tens os traços da belleza
De uma fada, que ha tristeza
No teu divino pallor...
Mas d'essa tristeza suave
Que nos cantos tem cada ave,
Que a açucena tem na cor!

E's triste e eu amo-te assim
 Que a desgraça me fez triste;
 Que senti, como sentiste,
 Para ser tão triste emfim.
 Amo-te, lyrio risonho,
 Mas como se adora um sonho
 Que vem sympathico e bello,
 Triste, vago, mysterioso...
 Que o fugir-lhe... era perdê-lo,
 E que o pedir-lhe mais gozo...
 Fôra o mesmo que matá-lo!
 Amo-te de amor, que o abalo
 De paixão desordenada
 Não pode volver ao nada,
 Nem roubar-lhe o mago encanto!
 Amo-te de um amor santo,
 Como se ama a sensitiva
 Que ao beijo do seu amante
 Se recolhe convulsiva,
 E emmurchece, e morre, e pende!
 Este amor é mais subido;
 Sei que o mundo o não entende
 Por que só lhe implora olvido!
 Porque evita a luz do dia,
 E não lhe esmola prazeres,
 E não lhe pede alegria!
 Quer a noite—a noite escura;
 Nutre-se em si; da tristeza
 Que ha em nós, que em nós o temos;
 Vem das sombras na espessura;
 Dos prantos que ambos vertemos

Purifica-se nas chammas!
 E eu amo a noite sentida
 Que é mãe d'este amor tão nosso...
 E tu, flor celeste e pura,
 Amas a noite, não amas?
 Oh! sim—de noite, querida,
 Que nos dê o sentimento
 Uma só, a mesma vida,
 Um só, mesmo pensamento,
 Um unico amor emfim...
 Que eu sou triste, como és triste,
 Que eu senti, como sentiste,
 Para ser tão triste assim,

Anjo triste melancolico.
 N'um arroubo de poesia,
 Presta-me essa melodia
 Que o senhor aos anjos deu:
 Deixa-a estremecer nas cordas
 Da lyra que cante e gema,
 E n'esse canto recordas
 Todos os cantos do ceu!
 Cinge-me do teu diadema
 De tristeza, que é divino,
 Dá-me o teu perfume, flor,
 E faze que, em meus cantares,
 Seja cada nota um hymno,
 Seja cada hymno um poema
 De triste... de triste amor!
 Cantemos a maga estrella
 Que tão doce luz projecta,
 Que te fez a ti.. tão bella!
 Que me fez a mim... poeta!

A ROSA

Inda ha pouco eu dizia: «é um deserto
A vida para mim; e eis-me a passar
Qual vae no oceano immenso o nauta incerto
Sem nunca uma outra vela deparar;

Que sem uma só ter d'illusões bellas
Que ao peito dão calor, n'alma põem luz;
Sou triste como a noite sem estrellas,
Mais triste do que a sombra de uma cruz!»

Hoje porém, a fronte erguendo, os olhos
Em gratidão suprema elevo aos ceus
E vejo flores onde via abrolhos,
E tudo é bello como os olhos teus!

Ai, Rosa, dize como te occultaste,
Em que jardim, sem atraiçoar-te a côr,
E a côr e o aroma para mim guardaste
Adivinhando já o meu amor?!

A ***

N'UM SOUVENIR

Perdão, meu anjo, perdoa:
Quasi manchei a corôa
Da innocencia que em ti vês;
Bem sei:—fui louco, imprudente;
Mas de um remorso pungente
E' presa o louco talvez!
Vivias indifferente,
Sósinha, mas, descuidosa,
Esse teu perfume, rosa,
Trahiu-te, e perdeu-me, flor;
O teu olhar, qu'irradiava
Tão limpida luz, lançava
No meu peito a ardente lava
De um intenso, fundo amor;
E confessei que te amava.
Fallei-te nova linguagem
N'ella a attrahente miragem
De uma paixão te pinte;
Subi muito; cahi logo —
E se tinha ateado o fogo
Eu só n'elle me abrazei!

Olhei-te a fronte serena
Como a candida açucena
Que balouça a viração.
Tive remorsos então!
Bem-hajas que só me ouviste
Sem m'entender; não mediste
Nem do meu crime a extensão!
Mal sabes que historia triste
Eu te fazia antever!
Ia turbar-te o repouso
Co'a sombra vã do prazer,
Co'a falsa imagem do gozo;
Encadear-te ao soffrimento;
Ia fallar-te de amor!
Mas o amor é o tormento,
Nutrem-o prantos e dôr,
E' o inferno dentro d'alma,
Febre immensa que se acalma,
Só á sombra de uma cruz
Que nos vela a sepultura!
Vive, pois, para a ventura:
Guarda, rosa, o teu perfume,
Guarda, estrella, a tua luz.
Se nas ancias do ciume
Rasgado o peito senti;
Se soffri, se soffro ainda,
Se a esperança sonhei linda
E fugil-a depois vi;
E se das noites no seio
Velo, padeço, pranteio,
Tu... dorme, sonha, sorri!

AOS TEUS OLHOS AZUES

Vivo da luz de teus olhos
Como agora viverei,
Se era amal-os um destino
Se perdê-os uma lei?!
A vida n'elles me fica,
E que vou morrer... bem sei!

São azues, serenos, languidos,
Amava-os com frenezim,
Qu'importa se não fitassem
Os lindos olhos em mim,
Se n'um doce enlevo d'alma
Vivia d'elles assim?!

Sinto que o inferno me davam
Com serem da côr do ceu;
Mas quem nunca viu uns olhos
Pelos quaes enlouqueceu?
E quanto mais me perdia
Mais queria aos olhos eu!

Triste magua de deixal-os
Ora só me restará;
E que eu não vira os teus olhos,
Que os não amara, oxalá!
Nem o amor que houve por elles
E' amor que morra já!

Ha lembranças que não findam
Nem á sombra de uma cruz;
E na lousa fria... fria,
A que a sorte me conduz,
Nos raios talvez me aqueça
De teus olhos inda a luz!

CANDIDA

Candida pomba que presentes n'alma?
Ai, dize, ó anjo, que mysterios são?
Não tens no peito a perturbar-lhe a calma
Delirio vago, incomprehensivel, não?
Inda não sabes o que sentes; creio-o.
Depois que o fogo te abraçar o seio
A chamma intensa t'ó dirá então.

O CORSARIO

Vae, galera, não pares, que é tarde,
Inimigas galeras lá veem;
Se as evitas dirão que és cobarde,
Se não faltas, tu vences tambem!
Vae, galera, que nem me recordo
De tão linda vogares ahi,
O corsario tu levas a bordo
Que em ti vive, contigo, por ti!
 O combate e a victoria são perto,
 Quem a palma nos hade arrancar?
 Que harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

Sou proscripto; tu, pobre, és proscripta,
Que nos venham aqui dar a lei;
Que no oceano, que em furia se agita,
E's rainha, galera, eu sou rei!
D'este peito que em chammas escalda
Quer o fogo na guerra crescer;
Tu a frente orgulhosa engrinalda
Que mais louros lhe vamos colher.
 E das aguas no immenso deserto
 Morte ou gloria nos cumpre buscar!
 Que harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

Já outr'ora cedi ao impulso
 De fatal e mentida paixão:
 Por uns olhos sentia convulso
 Pullular este meu coração.
 São loucuras! mas uma por uma
 Já o tempo ao olvido as lançou!
 Vae, galera, entre os frocos d'espuma
 Prôa ao ponto em que a honra acenou!
 Quem o perito não hade render-t'ó
 Quando o som do canhão ribombar?!
 Que harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

Pela patria nutri dentro d'alma
 Santo amor, santas crenças; pois bem —
 Renegou-me; e eis a febre se acalma,
 Não adora a uma ingrata ninguém!
 Foi então que nas ondas que espalhas
 Vim mais livre da vida fruir;
 E as victorias contei por batalhas,
 Ninguém ouve o meu nome a sorrir!
 Sopra o vento fagueiro mais certo:
 Vae, galera, é desdouro cançar.
 Que harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

Do corsario és, galera, querida
 Que outro affecto o não pode prender
 Se em ti só se resume esta vida
 Comigo hasde abraçada morrer!
 Pelejar quanto é bello não sente
 Quem o sangue sentiu parar já,
 Vae, galera, em ti vae um valente
 E a peleja te aguarda de lá!

O guerreiro pendão que te offerto
 Qu'impudente hade impune tocar?!
 Que harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

Pelo dorso das ondas deslisa
 Já lá vejo as bandeiras hostis;
 Não t'esqueças da nossa divisa,
 Não acurves de medo a cerviz!
 Só os fracos desmaiam de susto
 Da metralha ao solemne fragor:
 Não se alquebra este braço robusto,
 Não lhe foge na lucha o vigor!

Aos contrarios nas aguas aberto
 O sepulchro lhes vamos cavar!
 Que harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

Com que nuvem de balas espessa
 Te saudaram, galera, que vens:
 Não respondes; galera, depressa?
 Já canhões em teu seio não tens?
 Entre o fumo que os ares povôa
 E o clamor que um guerreiro seduz,
 Tristo o archanjo de morte revôa
 Com seu facho de pallida luz!
 Não sou chefe na guerra inexperto
 Heide o sangue com sangue lavar!
 Que harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

Que soccorro aos que fogem se presta?!
 Mais galeras, mais vinte; - não vês?
 Oh! malditas! traição manifesta!
 E's galera, vencida talvez!
 Jorram sangue as feridas mais fundas;
 Nem o peito ás feridas poupei!
 Tu, galera, coitada te affundas;
 Mas a morte que temos vinguei!
 D'estes olhos o brilho é incerto;
 Nunca mais heide ovindo folgar
 A harmonia do rude concerto
 Que as procellas entoam no mar!

PAIXÃO RAPIDA

Eu tinha-te sonhado. Eras
Candida, pomba do ceu,
Das minhas aureas chimeras
A que mais d'alma eu queria,
A que menos m'esqueceu!
Tinha-te sonhado. Havia
No meu anjo dos meus sonhos
Uns curtos labios risonhos
Qu'illuminava o sorriso
Em que vejo tu mostrares
A entrada do paraizo;
Um olhar, d'esses olhares
Onde assoma, onde pullula
A seiva do sentimento;
Um longo, ondeado cabelo,
Do mais negro e do mais bello.
Um talhe esbelto flexivel
Como a hastea da flor que ondula
Que se dobra até ao chão
Ao brando sopro do vento
Na voz o magico accento;
Que penetra ao coração,
Que nunca de balde passa,
Triste, harmonico, indolente
Como que ao ceu me arroubava.
E um não-sei-que que se sente

Que dizer-se, não, não sei.
Era um dom que fascinava,
Uma harmonia, uma graça,
No olhar, no rosto, na falla,
Que toda de ti s'exhala,
Que só em ti encontrei.
Tinha-te sonhado. Achei-te!
Que delirio! Vi-te e amei-te,
Que eras tu a casta flor
Por quem me fôra volvida
A consciencia d'esta vida
Que me brotou n'este amor!

Loanda...

CEGO ?

Densa nevoa, triste fumol
Que noite espessa, meu Deus,
Em que eu vagava sem rumo
Não vendo terra, nem ceus!

Gasta a vista de meus olhos
Tudo escuro para mim,
No caminho sempre abrolhos,
E o caminho sem ter fim!

É que eu vi cair no abysmo
Do nada tanta illusão,
Vi desfolhar o cynismo
Tanta flor do coração,

Vi tanta crença perdida
Que immorredoura julguei,
Vi nas miserias da vida
E vi tanto... que ceguei!

Depois... nevoas, nuvens, fumo!
Por sorte me dera Deus
Vagar perdido sem rumo
Não vendo terra nem ceus!

Eis que as sombras luz divina
Que de teus olhos partiu
Fende; e tudo se illumina,
Tudo em torno me sorriui!

A vista volveu-me, e agora
Sinto que verei melhor,
Se essa luz indica a aurora
Do brilhante sol do amor!

Mas vê bem, que tal lampejo
Dá vida ou morte, vê bem—
Por isso tanto o desejo,
Tanto o receio também!

Se de mim não mais o levas
Tudo é bello! renasci!
Nem acredita nas trevas
Quem só acredite em ti!

Matar-me-ha o soffrimento
Mal o veja escurecer,
Se me deslumbra um momento
Para depois s'esconder!

Consente pois que eu insista
Que no encanto d'esse olhar
Ou nunca mais perco a vista,
Ou vou de todo cegar!

Devo crê-la a derradeira
Illusão que em mim brotou?
Ou bemdizer a cegueira
Que para ti me levou?

Falla, ó anjo, foi sómente
Acaso tanto fulgor?
Ou quiz dizer como ardente
Respondia ao meu amor?

DESESPERANÇA

A' EX.^{ma} SR.^a D. M. J. F. FREIRE

Cala-te; oh! cala! — Não medes
D'essa palavra a extensão!
Que lhe imploras? que lhe pedes?
No ulcerado coração
Deita algum balsamo a perfida?!
Não, que o não pode. Não creio.
Abre, expande o casto seio
A' fê que a Deus nos conduz!
Pois se a fronte curvas languida,
Como hãode ver os teus olhos
Que ha flores entre os abrolhos,
Que das trevas sae a luz?!

Cala-te; oh! cala! — A maldita
Como que indaa sinto aqui;
Como que em torno se agita,
Vem e passa, passa e ri!
Proclama-a de balde, fervido,
O falso orgulho dos sabios;
Mas, se de um anjo nos labios,
Desfere cordas fataes,
É o veneno a que a duvida
N'alma desabrocha e lavra!
Essa funesta palavra
Não m'a digas nunca mais!

Desesperança?! — Que immensa
 Vertigem te fez cair
 Por momentos na descrença
 Do passado e do porvir?
 Em ti percebes os frêmitos
 De uma anciedade convulsa
 Em que lateja, em que pulsa
 A seiva do teu viver,
 E a desesperança tetrica
 Invocas do abysmo fundo
 Sem pensares que no mundo
 Desesperar é morrer!

Cala-te; oh! cala! — Um desgosto
 Não te arraste á perdição;
 Leve embora o pranto ao rosto,
 Mas não gele o coração!

Soffre; chora: — o soffrimento
 E' do ceu tambem um dom;
 A's vezes salva o tormento,
 Soffrer, ás vezes, é bom.

A idéa da magua é forte
 Laço que prende ao viver;
 Só a descrença é a morte,
 Só não-sentir é morrer!

Que o desalento se afaste
 De teus dias, pura flor,
 Brota a vida no contraste
 Dos prazeres com a dôr!

N'esta rapida passagem
 Chorar ou rir eis a lei:
 Qual precise mais coragem
 Quem chora ou quem ri não sei.

Do mais sombrio lethargo
 Pode-se á luz despertar:
 Nem todo o pranto é amargo,
 Nem todo o riso é gozar!

Demais, se a alegria foge
 Chame-a a esperança louçã,
 Que depois do dia de hoje
 Ha o dia de amanhã!

Vamos. Descança o braço no meu braço.
 Comigo sobe d'esse outeiro á crista
 Que, ao valle sobranceiro, se ergue altivo,
 Contempla em que agonia a natureza
 Parece contorcer-se. O sol descora
 Lá no extremo horisonte. Nem um raio
 As sombras fende que se juntam perto.
 Simelha um luminoso globo de oiro
 Involto em crepe funebre. Sacode
 O rijo vento a coma da floresta,
 Despenha ao chão os fructos. Nas vertentes
 Da placida montanha acodem eccos
 De lugubres gemidos. Pelo prado
 As flores se debruçam convulsivas
 Na hastea mimosa que se verga ao peso
 De gottas de agua gélida. O relampago
 Deslumbra por momentos. Na voz cava
 Apregoa o trovão a tempestade.
 Da harpa da terra se despedem notas
 De um canto que é lamento soluçado
 Ao triste aproximar das horas tristes!

Pois bem. A natureza não desmaia
 De susto ou desconforto. O sol esplendido
 Hade brilhar ainda. A aragem suave
 Esvoaçará lasciva entre as ramadas
 Dos álamos frondosos, e os suspiros
 De terna, melancolica toada
 Segredará no espaço á meiga rola
 Que ora trépida foge. Os seus perfumes
 Rescenderão as flores balouçando-se
 Ao perpassar d'emanções balsamicas.
 E accents de harmonia mysteriosa
 Se fundirão no cantico festivo
 Que ao Creador a criação envia!

Mais tarde bramirão novas tormentas,
 Novos dias de paz virão mais tarde,
 Da mesma duração faces diversas
 Que aponta, que distingue o mesmo scelo
 De aspiração bebida no infinito!

Da vida a imagem aqui tens, é esta.
 Cadeia eterna de que luz e sombras
 São elos que alternados seguem sempre.

Qu'importa pois que ao passado
 De prodigo prometter
 O presente deslebrado
 S'esqueça de responder?
 Qu'importa se as doces palpebras
 Cerraste n'um ledo sonho
 Que disportando risonho
 Inda não viste, não vês?
 Qu'importa? — socega: a divida
 De amor que a ventura afaga
 Em amor hade ser paga
 Pelo futuro talvez!

Se a terra não te offerece
 A visão dos sonhos teus,
 E porque o mundo s'esquece,
 Cuidas que s'esquece Deus?
 Não. Se vem mais tarde a auréola,
 Que elle aos sens anjos medita
 É em raios infinita
 De duradouro fulgor!
 Se no começo luz pallida
 Uma existencia allumia,
 Quantas vezes presagia
 Claro sol d'infindo amor!

Desesperança?! — É pois esta
 Que t'encaminha ao porvir?
 Louca palavra funesta!
 Não a queiras repetir!
 Sacode-a do teu espirito,
 Apaga-a que a idéa é negra!
 Verás como a crença alegre
 Se invocada surge ao pé.
 Suma-se a mesquinha, a perfida!
 Corta, despe um vão receio,
 Abre, expande o casto seio
 Aos alentos de outra fé!

Mas se um dia nos meus versos
 Tu a vires assomar,
 Se aos pobres em pranto immersos
 Do meu pranto resvalar;

Se me ouvires uma phrase
Vibrada em ancia cruel,
Em que ao desgosto se case
Da desesperança o fel;

E' mēntira. Esquece-a logo.
E' só do poeta a cruz
De devorar-se no fogo
Que lhe é fogo, sem ser luz.

E inda assim na dôr extrema
Hade a esperança volver,
E renegando a blâsphema
Eu conto, ó virgem, morrer!

Janeiro, 1865

A' MORTE DE GARRETT

Como é a vida! Ha pouco inda no'cumulo
Da gloria, do prazer, e do esplendor!
Agora eil-o baixando ao pó do tumulo
Sem alento, sem vida, sem calor!
Do tempo ao mudo acceno o cedro tomba,
Das azas perde o alvor candida pomba,
E pende murcha a flor!

Que tão curto da vida seja o imperio,
Tão curta a duração da flor louçã,
Que seja tão solemne esse mysterio
Em que o porvir s'involve, sombra vã,
Que ao genio, que hoje nasce, hoje possamos
Render sorrindo o preito, e que tenhamos
De choral-o amanhã...

E' triste, mas é lei! Ao sacrificio
A fronte engrinaldada offereceu,
Não mostra, sol no occaso, um só indicio
De que ante as sombras o valor perdeu,
Mas freme o peito e o labio balbucia
O nome de uma filha que não via,
Que em vida estremeceu!

E quem de nobres sensações tão avido
 Por ellas os cantares afinou;
 Quem pelo amor e a gloria foi impavido
 Colher as verdes palmas que ceifou;
 Quando um sopro de vida só lhe resta
 N'um affecto o resume e n'elle attesta
 Quanto sentiu e amou!

Descança, que o logar que tens na historia
 O conquistaste para nós tambem;
 Um raio a teus irmãos da tua gloria
 Dourar de luz immensa acode e vem!
 Comtigo compartimos do teu brilho,
 E a patria para quem foste bom filho
 Hade ser boa mãe!

De perto vela a flor que a debil hastea
 Inclina mais e mais ao prantear
 A morte de seu pae. Tu, só, deixaste-a;
 Mas, orphã, hade affectos encontrar!
 E' tua herdeira e basta. Um vão receio
 Que não tente, pungindo-te inda o seio,
 Teu repouso turbar!

De um hospital na enxerga nunca o livido
 Cadaver de um Camões pousará mais;
 Que brilha mais radiante, que é mais vívido
 Este sol que não viram nossos paes!
 Morre o grande poeta e não consome
 A ingratidão as lettras do seu nome,
 Seus cantos colossaes!

Flores em torno á lousa onde a materia
Caiu, e a foi gelar lethal turpor!
Porque a alma, essa fugiu-te e foi, aérea,
Viver n'um mundo cheio d'explendor,
Em que a luz vivifica e resplandece
Em que uma nuvem só não escurece
O limpido fulgor!

PROTESTO

A PROPOSITO DE UNS VERSOS PEDIDOS PARA UM ALBUM

Não, que os versos não farei.
N'um livro em que toda a gente
Diz o que sente e não sente,
Jura no que escreve e mente,
Não, que o nome não porei.

N'este livro sim. E' teu.
Escuta-me, ó virgem, olha,
Percorre-o folha por folha;
Vê, attenta em cada verso,
Que estes sim que t'os dou eu.
Se um ou outro som disperso
De uma suave melodia
Te lembrar coisas do ceu,
E' que é do ceu a poesia,
E por mais que se transforme
Dos homens na phantasia,
Nos estos de orgulho informe
Ou de férvida vertigem,
Sempre attesta a sua essencia,
Sempre mostra a sua origem!
Se uma phrase afortunada
Calar na tua existencia
Como estrophe adivinhada

D'esse poema secreto
 Que nos sonhos te sorri,
 O meu triumpho é completo!
 Esconde-a bem no teu seio
 Que, n'um mysterioso enleio
 Foi escripta para ti!

Recebe pois qualquer canto
 Que te commova, por quanto
 Crearam só a miragem,
 De que t'encante o fulgor,
 O ceu e tu:--luz e imagem,
 Estro e fórma, aroma e flor!

Crê-me. A's vezes, na anciedade
 Vaga, nova, indefinida,
 Que nos eleva da vida
 Ao intimo arroubamento
 De estranha melancolia,
 Que nem é felicidade
 Nem dôr, prazer nem tormento,
 Nem sonho nem realidade,
 O teu retrato e o teu nome
 Me passam na phantasia,
 E surgem á claridade
 De um maravilhoso dia!
 E um e outro sinto e vejo,
 Nem me rala ou me consome
 O frenesim do desejo
 Que nos dá por mel absyntho;
 Que um e outro vejo e sinto
 Como preludio dos bellos
 Canticos do coração,
 Como o termo aos meus anhelos

Que se cumpre silencioso,
 Como o descer vaporoso
 Da promettida visão!
 E é de balde que a razão
 Chega n'um sorriso frio
 E condemna o desvario
 Que suppõe n'esta paixão;
 Nem despe o aspecto sombrio
 Pois julga ser-lhe uma offensa
 De tamanho affecto a crença
 Por quem nunca vi, ó flor,
 Embora! — Adeja a esperança,
 Vive, folga, não se cança
 Nos prodigios d'este amor!

D'este mysterio a existencia
 Eu não cahi na imprudencia
 De ao teu livro a revelar;
 E inda bem que tive medo;
 Porque, lá, feita em segredo
 Ia-se a muitos contar!

Aqui sim. — Em ti só cabe
 Offensa ou perdão. Não sabe
 Um estranho a que isto vem:
 Que é um livro assim lançado
 Para o mundo, por seu fado,
 De todos e de ninguem!

Comtigo possa em segredo
Longas horas conversar
Este mysterio, e mais ledo
Mais risonho dispontar
Explendido o sol que anceio!
N'estes versos, no meu seio
Teu nome gravei, ó flor;
Inteira escute eu ao menos
N'esses teus labios serenos
A sagração d'este amor!

Se no teu livro contudo
Versos meus teimas em ter,
Como já te disse tudo
Que dos mais quiz esconder,
Posso-te outros escrever.

O ANEL NUPCIAL

I

Do povoado os sinos tangem,
É de festa o repicar;
Acorda em festa o castello,
O castello de Alidar.

Vestem os pagens de gala
E cada qual mais loução,
As damas fino brocado,
Sedas e oiro o castellão.

É que a filha d'este nobre,
D'este fero lidador,
Que de cem villas no assalto
Assignalou seu valor;

E' que Leonilda a mais bella
Perola que a Hespanha tem,
Vae render-se a dom Remualdo
Amante e esposa tambem:

Dom Remualdo o' moço intrepido,
O cavalleiro gentil,
O terror, o espanto, o assombro
De toda a moirisma vil;

Que nas pedras derrocadas
Das cidades que venceu
Co'a ponta da curta adaga
O illustre nome escreveu;

Que da victoria os segredos
Um por um conquistou já,
Mas em novas correrias
Se tem andado por lá;

Deve chegar ao castello
N'este dia em que o amor
Vae entre os louros que traga
Uma açucena depôr.

E Leonilda, a virgem casta
Que n'alma comprehende enfim
O sentido mysterioso
Das trovas que ao bandolím

Cantava no seu eirado
Se, á noite, involta n'um veo,
Saudava, estrella da terra,
As mais estrellas do ceo;

O noivo que, anciosa, espera
 A seus pés anhela ver,
 E em pudibundos desejos
 Deixa o seio estremecer!

Castellão, Leonilda, pagens,
 Formosas damas sem par,
 Todos acordam em festa
 No castello de Alidar.

II

No zenith o sol radiante
 Como qu' instantes parou,
 Vae o dia em mais de meio
 E Remualdo não chegou.

Sol de julho! luz que cega!
 Quieta dorme a viração,
 Em sêde se abraza a terra,
 Parece o campo um vulcão.

Leonilda e mais tres donzellas
 Que a seu lado folga em ter,
 Pelas escadas marmoreas
 Eisl-as ao parque a descer.

Esvoaçam por sobre a relva
 De que se cresta o verdor,
 E na alameda opulenta
 Se resguardam do calor.

Eisl-as vão, em febre o peito,
 Por entre o bosque a passar,
 A frescura á sombra pedem,
 E a mesma sombra a escaldar!

Vão correndo, vão cançando,
 Manso fallar, manso rir,
 De aves o vôo e gorgieio
 Como que sabem fingir.

Mas que luz! que sol d'estio!
 Quieta dorme a viração,
 Em sêde se abraza a terra,
 Parece o campo um vulcão!

Oh! como o lago é formoso
 A que chegam d'esta vez!
 Em torno bellas estatuas,
 Dentro d'agua a limpidez.

Retiro escuso, suavissimo
 Que sonhara alguma houri,
 Para um banho de alvas pombas
 Talvez escondido alli!

— «Ao lago todas!» — Leonilda
 Eis ás companheiras diz,
 E o manto arroja depressa
 Desnuda as fórmãs gentis,

Mas ao lançar-se nas ondas
 No dedo o anel percebeu
 Que a Remualdo destinara,
 E de perdê-lo tremeu!

— «Deus, o meu anel de nupcias
 Conto m'ó hasde restituir!»—
 Passa-o n'um dedo de Apollo,
 Começam todas a rir!

Em flocos de branca espuma
 Ellas mergulham a par:
 Que doidejar de creanças!
 Que ledas nymphas do mar!

Mais o banho se prolonga,
 Como é suave, como é bom!
 Nas ameias do castello
 Do clarim eis parte um som.

Dom Remualdo se aproxima,
 É o ajustado signal
 Que Leonilda sobressalta,
 Da lymphá a rouba ao crystal.

As tranças de ebano enxuga,
 Sobe-lhe á face o carmim,
 A' pressa ajusta as roupagens
 De oiro e candido setim.

Como a ligeira gazella
Para o castello ascendeu,
Só viu quando era nas salas
Que o seu annel lhe esqueceu!

III

Vae já no fim o banquete,
E que luzido que foi!
Festejava dom Ramiro
Em Remualdo filho e heroe!

Referve o licor nas taças,
Transborda vivida emfim
A alegria e espalha as flores
Sobre a mesa do festim.

Mostra Remualdo a Leonilda
Que, indomavel campeador,
Os extremos de finezas
Sabe das lides do amor.

Mas vae no fim o banquete,
Tambem o sol a expirar,
E já da santa capella
Os lumes ardem no altar.

Da mesa ao templo onde os noivos
Devia a benção prender,
Do templo ás salas, ás danças,
Ao infinito prazer!

Dom Ramiro brada: — « á egreja! » —
Era ao programma fiel,
Quando a formosa Leonilda
Se lembra do seu anel.

Não quer que tal prenda falte
Que na capella a dará;
Mas confessar o segredo,
De esquecel-o... o não fará!

Desce, portanto, sósinha,
E no parque se perdeu,
Já fica longe a alameda,
Já o lago appareceu.

Perto da estatua de pedra
De Apollo, parou, sorriu,
Mas tentando o anel tirar-lhe
Vê que o anel lhe resistiu.

Crê que s'illudiu, forceja,
Mas de balde, mas em vão,
Quanto mais o anel procura,
Mais a estatua fecha a mão!

Delira, crava na pedra
A vista dos olhos seus,
Julga pairar um sorriso
Nos labios do falso deus!

Treme, fuge espavorida,
 Livida a igreja assomou;
 Mas tudo alli era festa
 Em tal ninguem attentou!

IV

Volteia lubrica a dança
 Pelo espaçoso salão,
 Passam rapidos os pares,
 Cada par uma visão!

No ar se casam perfumes
 Do festejo ao ruido, á voz,
 Nem a musica emmudece,
 Uma harmonia, outra apoz!

Os olhos de dom Ramiro
 Com pranto fulguram mais,
 N'um pae de muitos affectos
 São as lagrimas signaes!

Nos encantos de Leonilda,
 N'aquelle encanto que é seu,
 Dom Remualdo bebe, aspira,
 Sonha, goza a vida, o ceu!

Nem do anel n'esse momento
 Se quer Leonilda lembrar,
 Que hade tudo no outro dia
 Ao esposo confiar.

Nobres damas, cavalleiros
 Leva, envolve o turbilhão;
 Passam rapidos os pares,
 Cada par uma visão!

Horas succedem ás horas,
 A luz emfim desmaiou;
 Os brandões são quasi extinctos,
 Meia noite já passou.

Dispersa se em breve a turba,
 Cessa a festa que seduz
 Enquanto aos seus aposentos
 Remualdo a noiva conduz.

Como elle caminha altivo,
 Palpita de ardente amor!
 Mas o rosto da donzella
 Tinge-o tímido rubor.

A virgem sente que aos risos,
 Que por ora ainda tem,
 Seguem-se os risos d'esposa,
 Seguem-se aos d'esta os de mãe!

V

Horas são de no castello
 Se dormir até manhã,
 Apenas velam esculcas
 Na famosa barbacã.

Eram os noivos no quarto,
Ambos juntos, ambos sós,
Elle tremia em desejos,
Leonilda perdera a voz!

Porém quando aos labios d'ella
Quiz os seus o moço unir,
Rumor confuso e sinistro
Creu de perto distinguir.

É caso estranho de certo!
Se em silencio tudo jaz
Os desertos corredores
Acordar assim quem faz?

Alguem que chega:—pesados
Lugubres os passos são;
Como que as vigas estalam,
Como que vacilla o chão.

Tudo freme em torno;—a porta
Do quarto em lascas saltou,
E a branca estatua do lago
Para o leito caminhou.

As cortinas despedaça,
Remualdo longe caiu,
E a fria estatua de pedra
Taes palavras proferiu:

—«Eu venho colher as flores
Da corôa virginal,
Nem quiz faltar ao convite
Do teu annel nupcial.

A tão bella desposada
Fui leal, aqui me tem;
E os esponsaes d'esta noite
Não perturbará ninguem!» —

Disse. e da pobre Leonilda
Logo alli se deita a par:
O seu aspecto era hediondo,
A sua voz de assombrar.

Nos dois braços vigorosos
O debil corpo enlaçou,
E a donzella semimorta
Ao seu contacto gelou!

.

De novo se ouviu mais tarde
Da madrugada ao romper,
Aos mesmos passos pausados
O chão do quarto ranger!

VI

Que alarido no castello!
Que gemidos não vão lá!
Choram Ramiro e Remualdo,
Que foi isto? o que será?

Este áquelle conta o caso
 Mas mal entende o que diz;
 Sobre o leito as brancas roupas
 Cobrem Leonilda infeliz.

Vê-se que a triste morrera
 N'uma anciedade cruel,
 Inda nos dedos crispados
 Apertava o seu annel!

Pae e noivo enlouqueceram.
 Perderam na mesma dôr
 Um o esteio da velhice,
 O outro o seu primeiro amor,

Do povoado os sinos tangerem,
 É funebre o seu dobrar ;
 Acorda em luto o castello,
 O castello de Alidar!

VII

Donzellas, que noivos tendes,
 Decoraæ esta canção,
 Da desditosa Leonilda
 Aproveitæ a lição.

Sabei que o annel do noivado
 —Donzellas, escutæ bem!—
 Só ao esposo se entrega.
 Não se confia a ninguém!

A' GLORIA

La gloire est vite abattue.
L'envie au sanglant flambeau
N'épargne cette statue
Qu'assise au seuil d'un tombeau.

VICTOR HUGO

Ao longe, na doirada phantasia,
No berço o que sonhaste, hoje o que vês?
Que luz distingues tu na luz do dia?
Que sons da noite escutas na mudez?
Suor e pranto ás faces porque enxugas?
Porque dissipa um riso á fronte as rugas!
Porque vives e crês?

Mancebo, se percebes na tua alma
A ancia de sempre erguer-se, de voar
A's altas regiões que indica a palma
Que ao vulgo nunca pôde disporar,
Eu sei o nome á febre que devora
Teu peito, o nome á sêde abrazadora
Que buscas saciar!

Isso que s'insinua brandamente
 Até se unir do sangue ás pulsações,
 Idéa do porvir a que o presente
 Immola sem piedade as ambições,
 Que diz que ha para além mais de um thesouro,
 E que ora se transforma em thronos d'ouro,
 (ra em ledas visões:

Nuvem do anoitecer e d'alvorada
 Que ás vezes finge timida vestal,
 A's vezes a bacchante desgrenhada
 Ou deusa em pé no carro triumphal,
 Que, nuvem, prisma, e luz, e flor, e aroma,
 Se chega, passa, volta, foge, assoma
 Milagroso fanal;

Mancebo, tem cautela! Isso é a gloria,
 Phantasma que reveste gala ou dó,
 Palavra que enche as paginas da historia,
 Idéa que a uma vida basta só,
 Fructo de que o sabor não mais s'esquece,
 Ou corpo que ao contacto nos aquece,
 Ou cadaver e pó?

De longe te sorri, mas no sorriso
 Das promessas quem sabe a que é fallaz?
 Nem vê-a é sempre entrar no paraizo,
 Nem todo o seu lampejo é luz de paz!
 O facho de serena claridade
 Tambem apega á chamma a intensidade
 De um incendio voraz!

Sorri-te, estende os braços, crês-la perto
 E ao tocar-lhe no manto a vês fugir:
 É cortado de abysmos o deserto
 Que entre os dois s'interpõe, e hasde seguir.
 Para o que as palmas immortaes lhe pede
 Ha tempo de, ao cansaço, á ardente sêde,
 Sem alentos cair!

Cada passo que dás, um sacrificio
 Sem que a coragem t'estimule alguem!
 Aqui passar de rojo um precipicio,
 Salvar outro de um salto mais além;
 E o sangue a gottejar pelos caminhos,
 Pedacos d'alma e corpo nos espinhos
 D'essa terra que é mãe!

Loucura! Ella enlouquece! Ella fascina
 E zomba dos que perdem a razão:
 Atraz da mesma fama perigrina
 Se arrojam dois em furia, correm, vão,
 Em cada um crêras ver um insensato,
 Mas dá-se áquelle o nome d'Erostrato,
 E este é Napoleão!

Gloria! por quantos, que diversos trilhos
 Ao monte d'empinados corucheus
 Chegam heroes ou martyres seus filhos!
 Para uns só no futuro aponta os ceus,
 Sobre outros logo a benção se derrama:
 De Spartaco o sepulchro cobre a lama,
 E o de Cesar tropheus!

Treme cada degrau do augusto solio,
 Ninguem, ao ascender, firme se crê:
 É dando a toga ao ar do Capitolio
 Que o Graccho n'um punhal a morte lê,
 É junto do luzeiro que o illumina
 Que, indo, tropeça e cae na guilhotina
 O illustre Chénier!

Depois... enquanto se não chega ao termo
 Da estrada promettida, com que horror
 Tu sentirás morder-te o seio enfermo
 A atra calumnia d'infernal furor!
 O pé resvala s'esmagar s'intenta,
 E povoará a serpe peçonhenta
 Teus dias de amargor!

Depois... a inveja, a vil, a infame, a negra,
 Que a intriga e que a calumnia procreou,
 Que passa, que doideja, que se alegra
 Ao acerar das chagas que rasgou,
 Que beberá contigo á mesma taça,
 Que tudo em ti, prazeres e desgraça,
 Maldisse e envenenou!

Que dormirá contigo, e te desperta
 Só quando o despertar é de afflicção,
 Que onde menos a julgas mais é certa,
 A's vezes nos abraços de um irmão,
 Que em torno o pedestal te mina lenta,
 E apenas finge, e mal, que te lamenta
 Se te lançou no chão!

Que para t'illudir cada esperança
 Excede-se e requinta em malvadez,
 Que só te não persegue, não te alcança
 Do cemiterio na glacial mudez,
 Pois tudo o que de grande tu creaste
 Pelo quê, á morte, de crear deixaste
 Te perdoará talvez!

Verdade de hontem que é mentira de hoje
 A gloria nos parece em seu altar.
 Manceho, se inda é tempo, escuta: foge!
 Da tua amante aos pés vae-te ajoelhar,
 Da vida nos seus labios colhe as rosas,
 Que alli tens as corôas mais viçosas
 Que valha conquistar!

Mas se a fé com que marchas é intonsa
 E crês que pelo ceo dada te foi;
 Se a gloria t'imprimiu a nobre crença,
 Essa que tudo faz, tudo destroe;
 Caminha vamos e do pô da estrada
 Levanta a frente, em sangue ou coroada,
 Sé martyr ou heroe!

Janeiro—1865

FIM

INDICE

Perdida	1
De branco	5
A Camillo Castello Branco	8
A voz d'ella	13
Duvida e crença	14
A Julia	20
Fogo e frio	24
Borboleta negra	25
Maria	28
A uma senhora	44
Flor da Africa	45
Morte d'alma	47
Morte do corpo	51
A duas jovens interessantes senhoras	55
A sultana	57
Ausencia	64
Para recitar ao piano I	68
A uma joven e excellente pianista II	70
Porque não sentes? III	71
IV	73
A Carlos Andrade Mendoga	75
Um conselho	79
A Camilla	82

Ao crepusculo.	84
Verdades	89
Chora. Ri.	98
A vida	100
No album da ex. ^{ma} sr. ^a D. M. C. C. C. e V.	104
N'uma orgia	106
Ao meu amigo F. X. de Novaes.	111
Aos teus olhos	114
A Loanda.	115
O doido	119
Por ti.	123
A caçada do diabo	126
Desalento.	131
No album da ex. ^{ma} sr. ^a D. M. C. D. B. N.	140
Ao mar.	143
Adeus a Lisboa.	147
Regresso	149
Uma lagrima no tumulo de ***.	152
Despedida.	155
A uma creança	159
Morrer?!	161
És triste	163
A Rosa	166
A ***.	167
Aos teus olhos azues	169
Candida.	171
O corsario	172
Paixão rapida	176
Cego	178
Desesperança	181
A' morte de Garrett.	187
Protesto.	190
O anel nupcial	194
A' gloria	206

ERRATAS MAIS NOTAVEIS

Por vêr-te o genio profundo—lêa-se—Por vêr-te o genio fecundo — pagina 11, verso 12. — E ainda, e sempre a lucta!—lêa-se — E ainda, e sempre a luctar!—pag. 14, verso 7.—Arrastando — lêa-se — Arrostando — pag. 15 verso 21.—Menti acaso missão—lêa-se — Menti acaso á missão—pag. 17, verso 30.—Por fixar na hastia sagrada —lêa-se—Por fixar na hostia sagrada—pag. 18, verso 7. — Eu olhrva—lêa-se—Eu olhava — pag. 20, verso 11. — A que eu vi...—lêa-se—A que eu via... — pag. 21, verso 14.—A quem—lea-se—A que—pag. 25, verso 6. — D'extrema angustia a mofino—lêa-se — D'estrema angustia, mofino—pag. 27, verso 7.—Não o jurava a mentir?—lêa-se—Não o jurava a mentir.—pag. 38, verso 8. —myrrada—mirrada—pag. 41, verso 17.—Mas reviver-me que hade—lêa-se—Mas reviver-me quem hade—pag. 44, verso 9. — Não achareis — lêa-se — Não acháreis — pag. 55, verso 5.—Crereis—lêa-se — Crêreis—pag. 55, verso 7.—Se é mais cara, e só completa — lêa-se—Se é mais cara, é só completa — pag. 64, verso 23.— E este amor inda mais préos—lêa-se — E este amor inda mais prézo—pag. 65, verso 12.—da floresta a cama—lêa-se—da floresta a coma—pag. 68, verso 3.—Que fui—lêa-se —Que foi—pag. 86, verso 10. — Nas vagas ondulaçõea —lêa-se—Nas vagas ondulações—pag. 91, verso 18.—Freis já — lêa-se — Ereis já — pag. 95, verso 26.— Na phantasia s'niflamma—lêa-se—Na phantasia s'inflamma —pag. 102, verso 16.—Que ancantos—lêa-se—Que encantos—pag. 102, verso 20.—que se inebria—lêa-se—que se enebria — pag, 111, verso 19. Cuspi acerbto — lêa-se— Cuspi acerbo—pag. 122, verso 6.—Sem encantos da poesia—lêa-se—Sem encantos de poesia — pag. 140, verso 16.—se não rterata—lêa-se—se não retrata —pag. 147, verso 10.—Que um anjo faz a—lêa-se—Que um anjo faz ao—pag. 161, verso 16—Quem o perito—lêa-se—Quem o preito—pag. 173, verso 9.—ovindo—lêa-se—ouvindo — pag. 175, verso 22.—Ao brándo sopro do vento—lêa-se—Ao brando sopro do vento,—pag. 176, verso 20.—Na voz o magico accento;—lêa-se—Na voz o magico accento — pag. 176, verso 21. — Porque dissipa um riso á fronte as rugas!—lêa-se—Porque dissipa um riso á fronte as rugas?—pag. 206, verso 21.

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol.,... ..	22:000	Pedro. d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.....	300
Encadernada.....	27:000	A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr.	480
Illustração Luso-Brazileira. periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol., em papel.....	11:600	Canticos. 1 vol. 8.º fr.....	720
Encadernados.....	13:600	Alva Estrella, d. em 5 actos....	300
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras.....	200	F. SOARES FRANCO	
M. M. B. DU BOCAGE		Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões.....	1920
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol.	4:320	ANTONIO DE SERPA	
BARRETO FEIO		Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr.....	400
Eneida de Virgilio. traducção com o texto latino, 3 vol.	2:880	Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.....	320
LIMA LEITÃO		F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO	
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º.....	800	Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio....	6:750
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr.....	1:200	1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo.....	300
REBELLO DA SILVA		Minhas Lembranças, poesias.....	500
Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr.....	960	LOPES DE MENDONÇA	
A Mocidade de D. João v, c. d. em 5 actos.....	480	Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr.....	720
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr.	300	Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr.....	400
MENDES LEAL JUNIOR		L. A. PALMEIRIM	
Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.	360	Poesias, 4.ª edição, correctã, 1 vol. 8.º fr.....	660
Homem de Oiro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr.	300	Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.	360
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr.	400	Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.....	400
		O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º.....	160
		A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.....	160
		A. CEZAR DE LACERDA	
		Um Risco, c. em 2 actos.....	160
		Scenas de familia, c. em 2 actos.	320
		A Duplice existencia, c. em 4 actos.....	240
		A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed.....	300
		Os Filhos dos trabalhos, J. em 4 actos.....	360
		Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos.....	180
		Trabalho e honra, c. em 3 actos	300
		A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos.....	300

Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos.....	300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.....	120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto.....	160
As joias de familia c. d. em 3 actos.....	300
MENDES LEAL ANTONIO	
Poesias, 1 vol.....	500
Abel e Caím, c. em 3 actos.....	240
Uma Victima, d. original em 3 'actos.....	160
Dôr e Amor, c. d. em 3 actos...	200
J. D'ABOIM	
A' tarde entro a murta, comedia em 3 actos.....	250
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto.....	80
O Homem pbe e Deus dispõe, c. em dois actos.....	120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos.....	160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto.....	100
I. M. FEIJOO	
Camões do Rocio, c. em 3 actos.	300
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo.....	400
Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos.....	240
Pedro Cem, c. em 5 actos.....	300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos.....	300
E. BIESTER	
Um Quadro da vida, d. em 5 actos.....	480
A Redempção, c. d. em 3 actos.	360
• Duas epocas da vida, c. em 2 actos.....	240
Uma viagem pela litteratura contemporanea.....	200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto.....	120
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos.....	160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos.....	200
ALFREDO HOGAN	
As Brasileiras, c. d. em 3 actos.	300
Ninguém julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos.....	360
Os Dissipadores, c. em 4 actos..	400
E' melhor não experimentar, c. em 1 acto.....	200
Memorias do Coração.....	240
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos.....	160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo.....	240
O Marido no Prêgo, c. em um acto.....	160

Já não ha tolos!... c. em um acto.....	80
Não desprese sem saber, c. em um acto.....	120
O Colonô, c. d. em 3 actos.....	160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos.....	200
O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos.....	240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos.....	200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos.	200
A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos.....	160
Nem tudo que luz é ouro, c. d. em 3 actos.....	200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos.	200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo.....	200
JULIO CESAR MACHADO, E	
ALFREDO HOGAN	
A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos.....	300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos.....	160
F. EVARISTO LEONI	
Genio da Lingua Portugueza... 1:800	
J. C. DOS SANTOS	
O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos.....	240
O Pae prodigo, comedia em 3 actos.....	200
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos.....	200
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos.....	180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos.....	180
Uma chavena de chá, c. em um acto.....	120
Convido o coronel!!... c. em um acto.....	100
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos.....	220
HENRIQUE VAN-DEITERS	
Poesias, 1 vol.....	360
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos.....	160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto	100
Não envenenes tu, a mulher qui-proquo em 1 acto.....	120
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.....	100
JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA	
A Corôa de Carlos Magno peca magica de grande espectaculo em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda=	
Les quatre fils Aymon.....	320
A Costureira, c. em um acto....	160
Erros da Mocidade, c. em 3 actos.	160

A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos	360
O paraizo perdido, ou a creação e o Deluvio, peça biblica em 1 prologo, 3 actos, e 1 epilogo, formando 21 quadros.	366
MANUEL ODORICO MENDES	
Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez.	200
I. DE VILHENA BARBOSA	
Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com estampas lytographadas).	3:000
JULIO CESAR MACHADO	
A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto.	140
O Capitão Bitterlin, c. em um acto.	140
ARISTIDES ABRANCHES	
Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros.	300
A mãe dos escravos, d. em 4 actos.	200
Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto.	120
Trovoadas de maio, c. em 1 acto.	160
Os dois pescadores, c. em 1 acto.	80
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto.	160
J. R. CORDEIRO JUNIOR	
Amor e arte, drama em 3 actos.	220
O Arrependimento salva, drama em um acto.	100
Fernando, comedia-drama em 4 actos.	200
J. I. DE ARAUJO	
A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos.	160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos.	200
Um Bico em Verso, scena comica.	60
O Principe Escarlato, tragedia burlesca em 2 actos em verso.	180
Um homem que tem cabeça; c. em um acto.	100
Ultimos momentos d'un Judas; entre-acto tragico-burlesco.	80
JOSÉ BENTO D'ARAÚJO ASSIS	
O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos.	180
As duas paixões, c. em 1 acto.	120
Deus nos livre de mulheres, c. em um acto, ornada de coplas.	120

J. A. DE MACEDO	
A Creação, poema pelo P. José Agostinho de Macedo.	120
OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES	
Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed.	720
Cirurgia e medicina 1 vol.	360
Camôese o Jáo, scena dramatica.	100
Adições ao Manual do Tabelaço.	200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas.	200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.	80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio.	80
O Mentor da mocidade.	170
Ensaios poeticos.	60
Um viagem á Inglaterra, Belgica e França.	120
Anjo, Mulher, e Demonio, c. d. em 2 actos.	200
Amor e Amizade, e. em um acto.	80
O amor e o Dever, c. em 3 actos.	240
Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto.	160
A Cruz, drama em 5 actõs.	320
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos.	300
Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos.	200
A Conversão d'um Agiota, c. em 2 actos.	160
Graziella, drama em um acto.	100
Os dois irmãos drama em 4 actos.	200
Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol 8.º fr.	400
As Primaveras—Poesias por Casemiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol.	500
Brios Militares, c. d em 1 acto, por J. A. A. Machado.	100
Origem, e orthographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Leão Nova ed. em 1864. 1 vol.	500
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens; por Josefina Neuville. 2 vol.	1200
Dois contos por dia, comedia em 3 actos.	160
Contos de toda a especie.	400
A victima d'uma orgia, romance.	120
A caixa de Pandora.	450
Tres grandes genios.	360
Os Animaes Fallantes, por Caste, traduzidos em portuguez, em 26 cantos, 2 vol.	1200
As Primeiras Inspirações, por Ernesto Marecos.	600

NO PRELO

Chronica dos Reis de Portugal, por Duarte Nunes de Leão.
 Elucidario das palavras e termos que antigamente em Portugal se usaram por Santa Rosa de Viterbo.

12
ONE
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100



89006166524



b39006166524 a

89006166524



b89006166524 a